



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2020/21**
9º LEVANTAMENTO

JUNHO 2021

VOLUME 8
NÚMERO

9

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Augusto Sanches Ribeiro

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Erica Ellen Alfaia Marialva, Glenda Patrícia Queiroz e Maria da Paz Ferreira de Souza (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Lucílio de Matos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall'Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agroecuaría do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
9º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues, Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab/Capa: Pixabay

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 8, safra 2020/21, n. 9, nono levantamento, junho. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO	
16	INTRODUÇÃO	
18	ANÁLISE CLIMÁTICA	
25	ANÁLISE DAS CULTURAS	
25	ALGODÃO	
35	ARROZ	
49	FEIJÃO	
68	MILHO	
87	SOJA	
98	TRIGO	
104	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO	
118	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO	



RESUMO EXECUTIVO

A produção de grãos no país, estimada em 262,13 milhões de toneladas, é 2% ou 5,11 milhões de toneladas superior à produzida em 2019/20.

As culturas de primeira safra, com exceção do milho e algodão, estão com a colheita encerrada. Com relação às culturas de segunda safra, para o feijão, em torno de 40% das lavouras já foram colhidas e o restante está nos estádios de enchimento de grãos e maturação. Para o milho segunda safra, em face do atraso na semeadura, ainda não ocorreram colheitas significativas, e as fases fenológicas predominantes das lavouras são floração e enchimento de grãos. Devido às baixas precipitações em abril e maio, a maioria das lavouras plantadas do cereal já comprometeu a sua produtividade potencial. Por fim, as culturas de inverno estão em fase de plantio, o qual foi intensificado a partir de maio.

Comparativamente à estimativa do mês anterior, observa-se uma redução de 9,57 milhões de toneladas. Tal redução se deve, sobretudo, ao retardamento da colheita da soja e, em consequência, o plantio de uma grande parte da área do milho segunda safra fora da janela indicada. Esses problemas, aliados à baixa ocorrência de chuvas em abril e maio, já indicam uma redução expressiva da produtividade do cereal.



Para a área plantada, estima-se um crescimento de 4,2% ou 2,8 milhões de hectares em comparação com à safra anterior, situando-se em 68,7 milhões de hectares. Destaques para a soja, com aumento de 4,2% ou 1,6 milhão de hectares e para o milho segunda safra, com ganho de 8,4%, correspondendo a 1,15 milhão de hectares.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

**Algodão**

Produção estimada de 2,34 milhões de toneladas de algodão em pluma.

**Arroz**

Produção estimada em 11,6 milhões de toneladas, aumento de 4% frente ao volume produzido na safra anterior; 10,7 milhões provêm de cultivos irrigados e 0,9 milhão de plantios de sequeiro.

**Feijão**

Estimada uma redução de 4,5% na produção das três safras, totalizando 3,1 milhões de toneladas. Para a primeira safra, a colheita já foi encerrada, a segunda safra está sendo colhida e a terceira safra ainda está sendo plantada.

**Milho**

Produção total estimada em 96,4 milhões de toneladas, redução de 6% sobre a produção de 2019/20. Deste total, são produzidas 24,7 milhões de toneladas na primeira safra, 69,9 milhões na segunda safra e 1,7 milhão na terceira safra.



Soja

Produção recorde estimada em 135,86 milhões de toneladas, 8,8% ou 11 milhões de toneladas superior à produção da safra 2019/20. O Brasil é o maior produtor mundial da leguminosa.



Culturas de verão

Amendoim: Produção total estimada em 597 mil toneladas, 7% acima da obtida em 2019/20.



Culturas de inverno

Aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale: O plantio foi iniciado em abril e intensificado em maio. Especificamente para o trigo, as estimativas preliminares indicam uma área de 2,5 milhões de hectares, e uma produção de 6,94 milhões de toneladas.



TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA - EM 1.000 HA

Brasil	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
Culturas de verão	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mai/2021 (b)	Jun/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.665,6	1.378,5	1.366,8	(0,8)	(17,9)	(11,7)	(298,8)
AMENDOIM TOTAL	160,5	165,7	165,5	(0,1)	3,1	(0,2)	5,0
Amendoim 1ª Safra	153,3	159,9	159,7	(0,1)	4,2	(0,2)	6,4
Amendoim 2ª Safra	7,2	5,8	5,8	-	(19,4)	-	(1,4)
ARROZ	1.665,8	1.687,0	1.683,6	(0,2)	1,1	(3,4)	17,8
Arroz sequeiro	366,9	381,6	379,3	(0,6)	3,4	(2,3)	12,4
Arroz irrigado	1.298,9	1.305,4	1.304,3	(0,1)	0,4	(1,1)	5,4
FEIJÃO TOTAL	2.926,7	2.898,0	2.941,6	1,5	0,5	43,6	14,9
FEIJÃO TOTAL CORES	1.280,3	1.206,1	1.219,5	1,1	(4,7)	13,4	(60,8)
FEIJÃO TOTAL PRETO	338,6	366,5	371,1	1,3	9,6	4,6	32,5
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.307,8	1.325,4	1.351,0	1,9	3,3	25,6	43,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	914,5	904,3	909,2	0,5	(0,6)	4,9	(5,3)
Cores	365,9	365,5	367,1	0,4	0,3	1,6	1,2
Preto	162,4	162,3	162,4	0,1	-	0,1	-
Caupi	386,2	376,5	379,7	0,8	(1,7)	3,2	(6,5)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.424,9	1.437,6	1.461,4	1,7	2,6	23,8	36,5
Cores	408,0	364,3	360,9	(0,9)	(11,5)	(3,4)	(47,1)
Preto	159,6	187,6	192,1	2,4	20,4	4,5	32,5
Caupi	857,3	885,7	908,4	2,6	6,0	22,7	51,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	588,8	556,1	571,0	2,7	(3,0)	14,9	(17,8)
Cores	507,9	476,3	491,5	3,2	(3,2)	15,2	(16,4)
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	63,2	62,9	(0,5)	(2,2)	(0,3)	(1,4)
GERGELIM	175,0	161,1	161,1	-	(7,9)	-	(13,9)
GIRASSOL	47,1	31,5	31,5	-	(33,1)	-	(15,6)
MAMONA	45,5	47,4	47,4	-	4,2	-	1,9
MILHO TOTAL	18.527,3	19.873,4	19.840,7	(0,2)	7,1	(32,7)	1.313,4
Milho 1ª Safra	4.235,8	4.337,6	4.364,6	0,6	3,0	27,0	128,8
Milho 2ª Safra	13.755,9	14.968,8	14.905,8	(0,4)	8,4	(63,0)	1.149,9
Milho 3ª Safra	535,6	567,0	570,3	0,6	6,5	3,3	34,7
SOJA	36.949,7	38.502,1	38.508,7	-	4,2	6,6	1.559,0
SORGO	835,4	842,4	849,5	0,8	1,7	7,1	14,1
SUBTOTAL	63.000,1	65.587,1	65.596,4	-	4,1	9,3	2.596,3
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mai/2021 (b)	Jun/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	425,7	415,1	404,3	(2,6)	(5,0)	(10,8)	(21,4)
CANOLA	35,3	35,3	38,8	9,9	9,9	3,5	3,5
CENTEIO	4,7	4,7	3,7	(21,3)	(21,3)	(1,0)	(1,0)
CEVADA	103,4	105,3	104,2	(1,0)	0,8	(1,1)	0,8
TRIGO	2.341,5	2.457,4	2.530,2	3,0	8,1	72,8	188,7
TRITICALE	15,6	15,5	15,5	-	(0,6)	-	(0,1)
SUBTOTAL	2.926,2	3.033,3	3.096,7	2,1	5,8	63,4	170,5
BRASIL	65.926,3	68.620,4	68.693,1	0,1	4,2	72,7	2.766,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2021.



TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mai/2021 (b)	Jun/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.625	2.581	2.498	(3,2)	(4,8)	(83,0)	(126,9)
ALGODÃO EM PLUMA	1.802	1.771	1.713	(3,3)	(4,9)	(58,0)	(88,7)
AMENDOIM TOTAL	3.474	3.603	3.606	0,1	3,8	2,9	131,5
Amendoim 1ª Safra	3.554	3.674	3.679	0,1	3,5	5,1	125,1
Amendoim 2ª Safra	1.771	1.636	1.579	(3,5)	(10,8)	(56,9)	(192,1)
ARROZ	6.713	6.885	6.905	0,3	2,9	20,1	191,9
Arroz sequeiro	2.468	2.451	2.484	1,3	0,6	32,7	15,8
Arroz irrigado	7.913	8.181	8.191	0,1	3,5	9,8	278,6
FEIJÃO TOTAL	1.104	1.071	1.046	(2,4)	(5,2)	(25,3)	(57,4)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.568	1.548	1.539	(0,5)	(1,8)	(8,4)	(29,0)
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.504	1.500	1.360	(9,3)	(9,6)	(139,8)	(144,5)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	545	520	515	(1,0)	(5,5)	(5,0)	(30,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.209	1.110	1.113	0,3	(7,9)	3,0	(95,8)
Cores	1.664	1.651	1.656	0,3	(0,5)	5,4	(7,7)
Preto	1.927	1.532	1.532	-	(20,5)	(0,4)	(395,0)
Caupi	475	402	408	1,4	(14,1)	5,7	(67,0)
FEIJÃO 2ª SAFRA	874	922	848	(8,0)	(3,0)	(74,2)	(25,9)
Cores	1.398	1.466	1.359	(7,3)	(2,8)	(106,6)	(38,9)
Preto	1.155	1.549	1.269	(18,1)	9,8	(280,1)	113,7
Caupi	573	566	556	(1,8)	(3,0)	(9,9)	(17,1)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.481	1.395	1.447	3,7	(2,3)	51,9	(33,8)
Cores	1.636	1.531	1.584	3,5	(3,2)	53,1	(51,6)
Preto	725	618	725	17,3	-	107,2	0,3
Caupi	590	576	568	(1,5)	(3,8)	(8,7)	(22,2)
GERGELIM	547	689	689	-	26,0	-	142,2
GIRASSOL	1.590	1.709	1.899	11,1	19,5	190,5	309,3
MAMONA	951	805	743	(7,7)	(21,8)	(61,7)	(207,5)
MILHO TOTAL	5.537	5.355	4.858	(9,3)	(12,3)	(496,3)	(678,8)
Milho 1ª Safra	6.065	5.689	5.663	(0,5)	(6,6)	(25,8)	(401,7)
Milho 2ª Safra	5.456	5.331	4.693	(12,0)	(14,0)	(637,8)	(762,3)
Milho 3ª Safra	3.305	3.417	3.011	(11,9)	(8,9)	(405,4)	(293,3)
SOJA	3.379	3.517	3.528	0,3	4,4	11,1	149,3
SORGO	2.991	3.276	3.100	(5,4)	3,7	(175,7)	109,3
SUBTOTAL	3.960	4.020	3.869	(3,8)	(2,3)	(151,0)	(91,0)
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mai/2021 (b)	Jun/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	1.987	2.180	2.193	0,6	10,4	13,0	206,0
CANOLA	912	1.255	1.255	-	37,6	-	343,0
CENTEIO	2.213	2.255	2.216	(1,7)	0,1	(39,0)	3,0
CEVADA	3.621	3.735	3.777	1,1	4,3	42,0	156,0
TRIGO	2.663	2.702	2.744	1,6	3,0	42,0	81,0
TRITICALE	2.628	2.839	2.839	-	8,0	-	211,0
SUBTOTAL	2.576	2.649	2.688	1,5	4,3	39,0	112,0
BRASIL (2)	3.899	3.959	3.816	(3,6)	(2,1)	(143,5)	-82,7

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2021.



TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mai/2021 (b)	Jun/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	3.557,6	3.413,8	(4,0)	(21,9)	(143,8)	(957,5)
Algodão em pluma	3.001,6	2.441,9	2.342,0	(4,1)	(22,0)	(99,9)	(659,6)
Amendoim total	557,5	597,0	596,7	(0,1)	7,0	(0,3)	39,2
Amendoim 1ª safra	544,8	587,5	587,6	-	7,9	0,1	42,8
Amendoim 2ª safra	12,7	9,5	9,1	(4,2)	(28,3)	(0,4)	(3,6)
Arroz	11.183,4	11.615,5	11.626,2	0,1	4,0	10,7	442,8
Arroz sequeiro	905,5	935,2	942,1	0,7	4,0	6,9	36,6
Arroz irrigado	10.277,9	10.680,3	10.684,1	-	4,0	3,8	406,2
Feijão total	3.222,6	3.105,1	3.077,0	(0,9)	(4,5)	(28,1)	(145,6)
Feijão total cores	2.008,0	1.866,4	1.876,9	0,6	(6,5)	10,5	(131,1)
Feijão total preto	509,5	549,6	504,6	(8,2)	(1,0)	(45,0)	(4,9)
Feijão total caupi	712,6	689,0	695,6	1,0	(2,4)	6,6	(17,0)
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.003,5	1.011,7	0,8	(8,5)	8,2	(93,9)
Cores	609,0	603,3	607,9	0,8	(0,2)	4,6	(1,1)
Preto	313,0	248,7	248,8	-	(20,5)	0,1	(64,2)
Caupi	183,6	151,5	155,1	2,4	(15,5)	3,6	(28,5)
Feijão 2ª safra	1.245,2	1.325,7	1.239,1	(6,5)	(0,5)	(86,6)	(6,1)
Cores	569,7	533,9	490,4	(8,1)	(13,9)	(43,5)	(79,3)
Preto	184,5	290,7	243,8	(16,1)	32,1	(46,9)	59,3
Caupi	491,1	501,0	504,8	0,8	2,8	3,8	13,7
Feijão 3ª safra	872,1	776,0	826,3	6,5	(5,3)	50,3	(45,8)
Cores	822,1	729,2	778,6	6,8	(5,3)	49,4	(43,5)
Preto	12,0	10,2	12,0	17,6	-	1,8	-
Caupi	37,9	36,5	35,7	(2,2)	(5,8)	(0,8)	(2,2)
Gergelim	95,8	111,1	111,1	-	16,0	-	15,3
Girassol	74,9	53,9	59,9	11,1	(20,0)	6,0	(15,0)
Mamona	43,3	38,1	35,2	(7,6)	(18,7)	(2,9)	(8,1)
Milho total	102.586,4	106.413,5	96.392,1	(9,4)	(6,0)	(10.021,4)	(6.194,3)
Milho 1ª safra	25.689,6	24.676,8	24.717,6	0,2	(3,8)	40,8	(972,0)
Milho 2ª safra	75.053,2	79.799,4	69.957,0	(12,3)	(6,8)	(9.842,4)	(5.096,2)
Milho 3ª safra	1.843,6	1.937,3	1.717,3	(11,4)	(6,9)	(220,0)	(126,3)
Soja	124.844,8	135.408,8	135.861,0	0,3	8,8	452,2	11.016,2
Sorgo	2.498,4	2.759,8	2.633,8	(4,6)	5,4	(126,0)	135,4
Subtotal	249.478,4	263.660,4	253.806,8	(3,7)	1,7	(9.853,6)	4.328,4
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Mai/2021 (b)	Jun/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	845,7	904,8	886,7	(2,0)	4,8	(18,1)	41,0
Canola	32,2	44,3	48,7	9,9	51,2	4,4	16,5
Centeio	10,4	10,6	8,2	(22,6)	(21,2)	(2,4)	(2,2)
Cevada	374,4	393,3	393,6	0,1	5,1	0,3	19,2
Trigo	6.234,6	6.639,5	6.942,1	4,6	11,3	302,6	707,5
Triticale	41,0	44,0	44,0	-	7,3	-	3,0
Subtotal	7.538,3	8.036,5	8.323,3	3,6	10,4	286,8	785,0
Brasil (2)	257.016,7	271.696,9	262.130,1	(3,5)	2,0	(9.566,8)	5.113,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2021.



TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.589,5	9,0	3.537	3.379	(4,5)	11.649,6	12.128,4	4,1
RR	76,6	93,8	22,5	4.103	4.015	(2,1)	314,3	376,6	19,8
RO	602,5	663,4	10,1	3.992	3.792	(5,0)	2.405,3	2.515,9	4,6
AC	47,5	49,7	4,6	2.147	2.348	9,3	102,0	116,7	14,4
AM	18,7	21,7	16,0	2.230	2.452	9,9	41,7	53,2	27,6
AP	24,4	24,1	(1,2)	2.574	2.581	0,3	62,8	62,2	(1,0)
PA	963,4	1.143,1	18,7	2.979	2.977	(0,1)	2.870,1	3.403,3	18,6
TO	1.560,1	1.593,7	2,2	3.752	3.514	(6,3)	5.853,4	5.600,5	(4,3)
NORDESTE	8.187,7	8.452,7	3,2	2.823	2.820	(0,1)	23.109,9	23.833,7	3,1
MA	1.605,1	1.656,2	3,2	3.489	3.586	2,8	5.600,2	5.939,5	6,1
PI	1.535,2	1.627,2	6,0	3.282	3.223	(1,8)	5.038,5	5.245,2	4,1
CE	913,1	943,9	3,4	875	664	(24,0)	798,7	627,2	(21,5)
RN	118,3	98,0	(17,2)	538	510	(5,1)	63,6	50,0	(21,4)
PB	212,9	212,4	(0,2)	649	607	(6,4)	138,1	128,9	(6,7)
PE	465,2	464,6	(0,1)	676	536	(20,7)	314,4	249,1	(20,8)
AL	78,2	84,4	7,9	1.331	1.405	5,6	104,1	118,6	13,9
SE	162,5	162,5	-	5.843	5.853	0,2	949,5	951,1	0,2
BA	3.097,2	3.203,5	3,4	3.261	3.285	0,8	10.102,8	10.524,1	4,2
CENTRO-OESTE	28.480,6	29.473,5	3,5	4.349	4.030	(7,3)	123.866,9	118.773,7	(4,1)
MT	17.212,4	17.714,8	2,9	4.351	4.144	(4,8)	74.898,9	73.401,6	(2,0)
MS	5.029,5	5.407,1	7,5	4.085	3.688	(9,7)	20.548,0	19.938,8	(3,0)
GO	6.074,3	6.185,6	1,8	4.535	3.985	(12,1)	27.547,2	24.647,9	(10,5)
DF	164,4	166,0	1,0	5.309	4.731	(10,9)	872,8	785,4	(10,0)
SUDESTE	5.855,0	6.303,0	7,7	4.214	4.083	(3,1)	24.671,6	25.734,1	4,3
MG	3.492,8	3.880,0	11,1	4.401	4.214	(4,2)	15.371,3	16.351,8	6,4
ES	26,0	21,9	(15,8)	1.823	1.986	9,0	47,4	43,5	(8,2)
RJ	2,7	2,2	(18,5)	2.000	2.227	11,4	5,4	4,9	(9,3)
SP	2.333,5	2.398,9	2,8	3.963	3.891	(1,8)	9.247,5	9.333,9	0,9
SUL	20.108,1	20.874,4	3,8	3.666	3.912	6,7	73.718,2	81.660,2	10,8
PR	9.807,2	10.262,5	4,6	4.166	3.770	(9,5)	40.854,0	38.690,4	(5,3)
SC	1.287,0	1.340,4	4,1	5.075	4.386	(13,6)	6.530,9	5.879,5	(10,0)
RS	9.013,9	9.271,5	2,9	2.921	4.000	36,9	26.333,3	37.090,3	40,8
NORTE/NORDESTE	11.480,9	12.042,2	4,9	3.028	2.986	(1,4)	34.759,5	35.962,1	3,5
CENTRO-SUL	54.443,7	56.650,9	4,1	4.082	3.992	(2,2)	222.256,7	226.168,0	1,8
BRASIL	65.924,6	68.693,1	4,2	3.899	3.816	(2,1)	257.016,2	262.130,1	2,0

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o nono levantamento da safra 2020/21 de grãos, com informações atualizadas das culturas de primeira e segunda safras e de inverno em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, discorre sobre o andamento das operações de plantio, crescimento, desenvolvimento e colheita dessas culturas e as condições climáticas encontradas nas regiões produtoras.

As ações estabelecidas pela empresa, para o levantamento das safras, estão em conformidade com as medidas de biossegurança federais, estaduais e municipais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde dos empregados e dos colaboradores.

Essas medidas de combate à pandemia obrigaram a empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de algumas viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não



comprometer a qualidade dos serviços prestados e preservar a saúde de todos.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde outubro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas, disponível neste site <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>>, mantendo-se como referência na produção de dados e informações para o agronegócio brasileiro. Nos arquivos de progresso de safra é possível acompanhar a evolução do plantio, colheita e a fenologia das lavouras.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, localizadas em todas as Unidades da Federação.

Neste trabalho, além da pesquisa subjetiva, são utilizados métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, análises fitotécnicas e de mercado, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE MAIO

Em maio, início do período seco na maior parte das regiões produtoras, os maiores volumes de chuva ocorreram principalmente no norte da Região Norte, na faixa leste do Nordeste e no Rio Grande do Sul.

Durante todo o ano, a Região Norte vem acumulando grandes volumes de precipitação na maior parte de seu território. Em maio, a precipitação total ficou na faixa entre 200 mm e 500 mm na parte norte da região, e entre 60 mm e 150 mm na metade sul. Em Tocantins, a precipitação ficou entre 10 mm e 40 mm, porém dentro da sua faixa normal para o período. Destaque para as estações de Caracaraí-RR, com 400 mm, e Belém-PA, com 450 mm.

No Centro-Oeste houve distribuição espacial e temporal bastante irregulares durante maio, com acumulados predominantemente abaixo da média do mês. Em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul, os totais variaram entre 10 mm e 80 mm. Em Goiás e no Distrito Federal, os volumes

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.



foram ainda mais modestos, com totais entre 10 mm e 40 mm, mas próximos da faixa normal de precipitação para o mês.

Do mesmo modo, no Sudeste também houve grande contraste na distribuição espacial das chuvas. Os menores volumes ocorreram no sul do Espírito Santo, no Rio de Janeiro e no centro-sul de São Paulo, com totais na faixa entre 40 mm e 120 mm. Nas demais localidades, os totais variaram entre 5 mm e 40 mm.

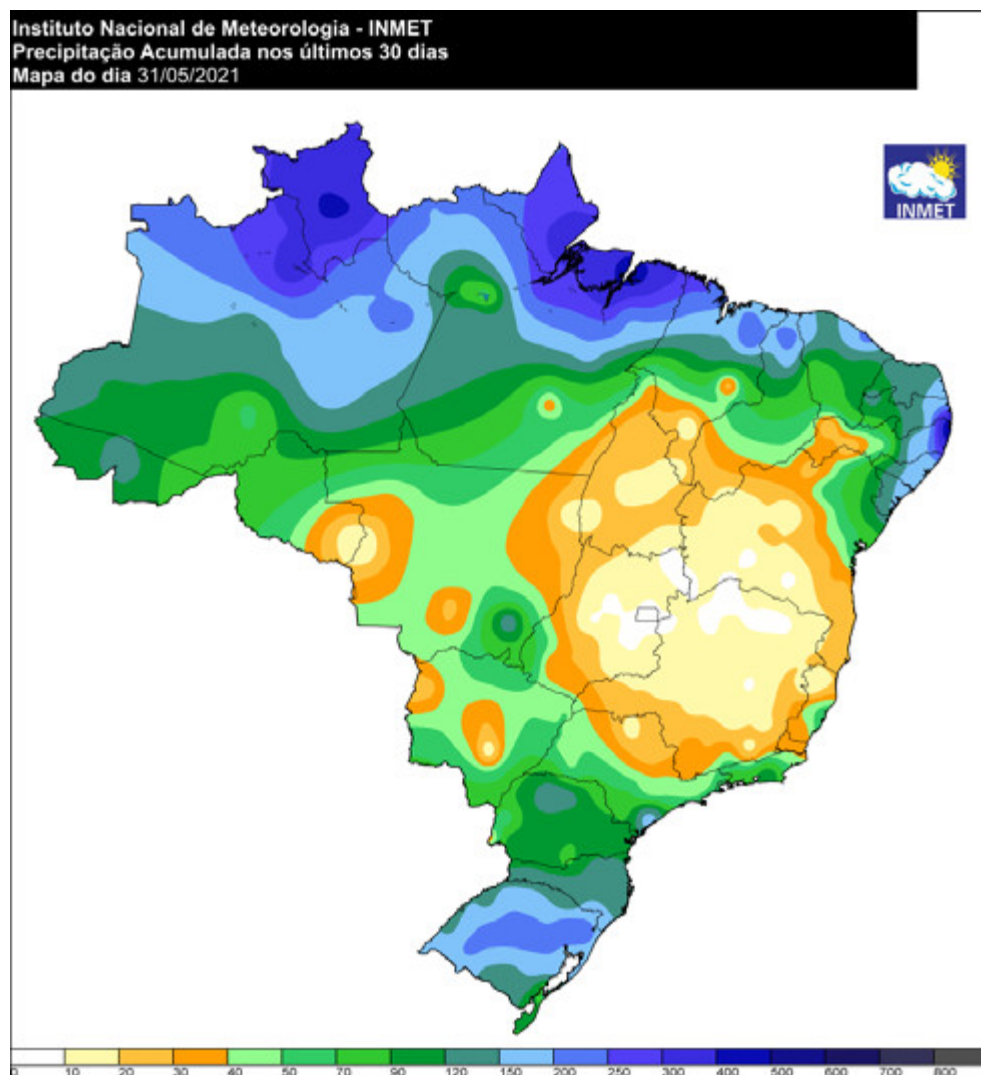
Na Região Nordeste, maio é o segundo mês da quadra chuvosa do leste da região, entre Salvador e Natal. Entre Sergipe e a Paraíba, os totais acumulados ficaram entre 150 mm e 350 mm, próximos da faixa normal ou acima, dependendo da localidade. Entre o norte do Maranhão e o norte do Ceará, os totais variaram entre 120 mm e 250 mm, também próximos da faixa normal ou acima. Nas demais localidades da região, os volumes ficaram entre 10 mm e 90 mm.

A precipitação na região Sul foi mais regular e com volumes maiores nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Os totais pluviométricos em maio nesses dois estados ficaram entre 120 e 250 mm, o suficiente para alcançar ou ultrapassar a média histórica na maioria das localidades. No Paraná, as chuvas foram irregulares, predominando dias sem chuva durante todo o mês, o que resultou em totais abaixo da média do mês em grande parte do estado. Contudo, com as chuvas dos últimos três dias do maio, o total de chuva ficou um pouco acima da média em algumas localidades, como Londrina, com 133 mm, 20 mm acima da média de maio.

A Região Sul também foi marcada pela ocorrência de ondas de frio, que causaram geadas nos três estados. Foram pelo menos 11 dias ao longo de maio, com registro de ocorrência de geadas em localidades diversas.



FIGURA 1 - MAPA DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM MAIO/2021



Fonte: Inmet.

CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

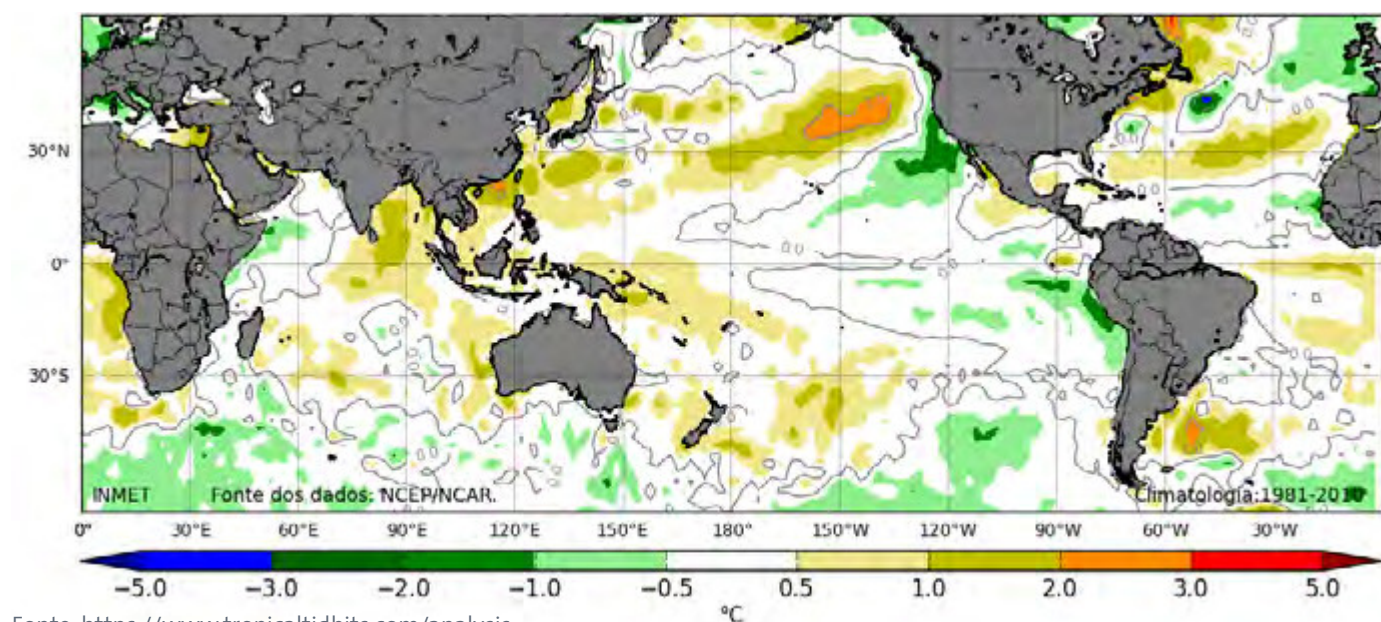
Em maio houve um aquecimento das águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial, indicando o fim de sua fase fria - La Niña – e consolidando o início de uma fase neutra, com anomalias de temperatura da superfície do mar (TSM) nessa região do Pacífico, dentro da faixa normal, como observado no mapa de anomalias da TSM.



Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nas últimas semanas confirmam que as anomalias de temperatura média estiveram dentro da faixa de neutralidade, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W-120°W).

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C.

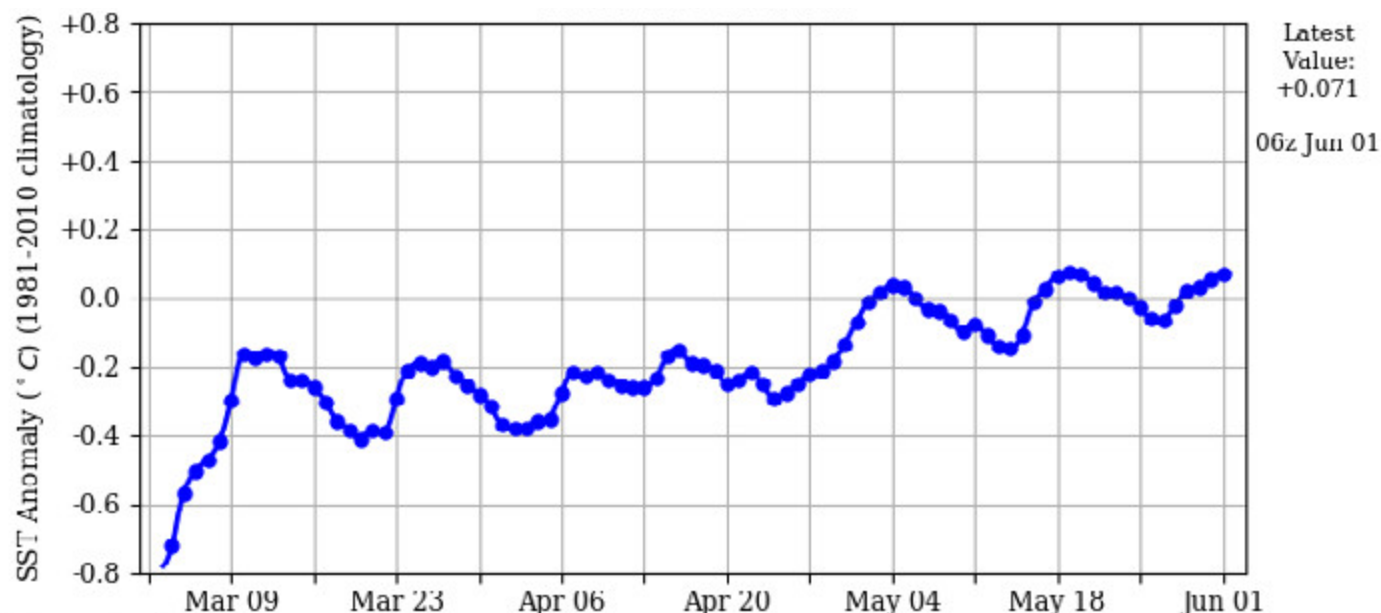
FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 31/5/2021



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis>



GRÁFICO 1 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



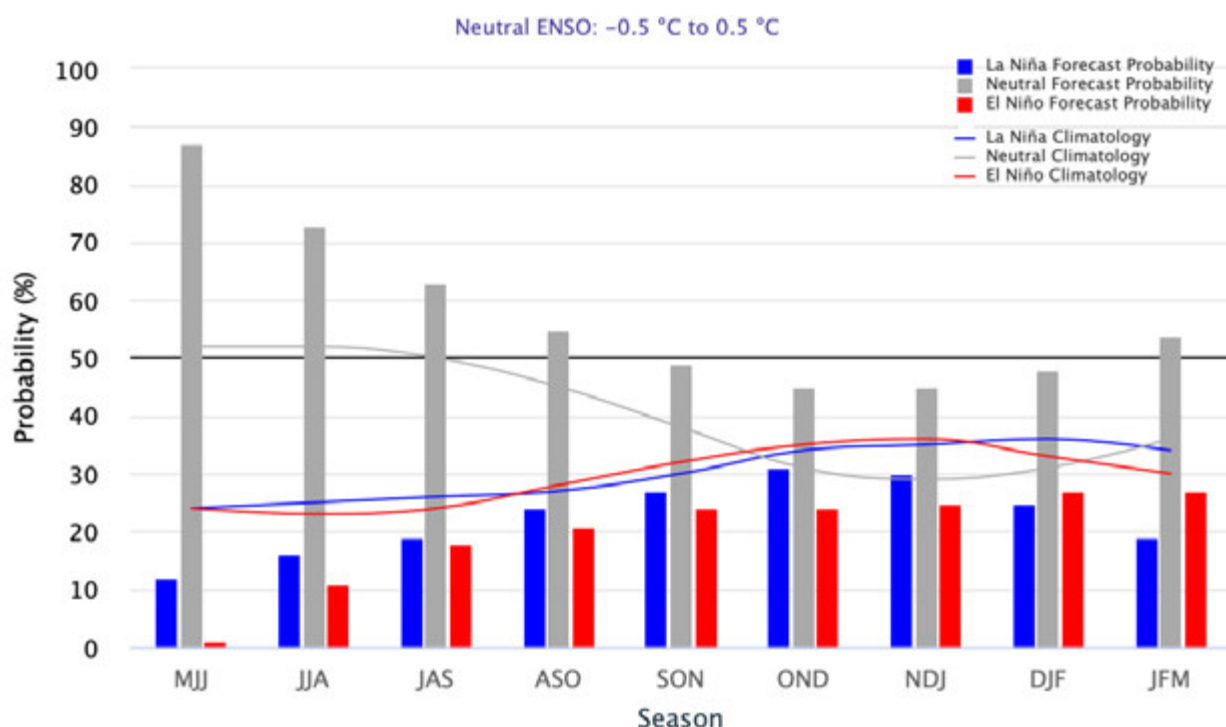
Fonte: Tropical Tidbits

Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidade de 74% de continuidade do fenômeno La Niña no trimestre junho, julho e agosto de 2021. Segundo a previsão, a fase de neutralidade tem alta probabilidade de se manter até setembro ou outubro.



GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI

Disponível em: (<https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>).

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – JUNHO, JULHO E AGOSTO/2021

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas dentro da faixa normal ou abaixo em praticamente toda a região. Há possibilidade de áreas com chuvas próximas ou acima da média no Rio Grande do Sul em junho.

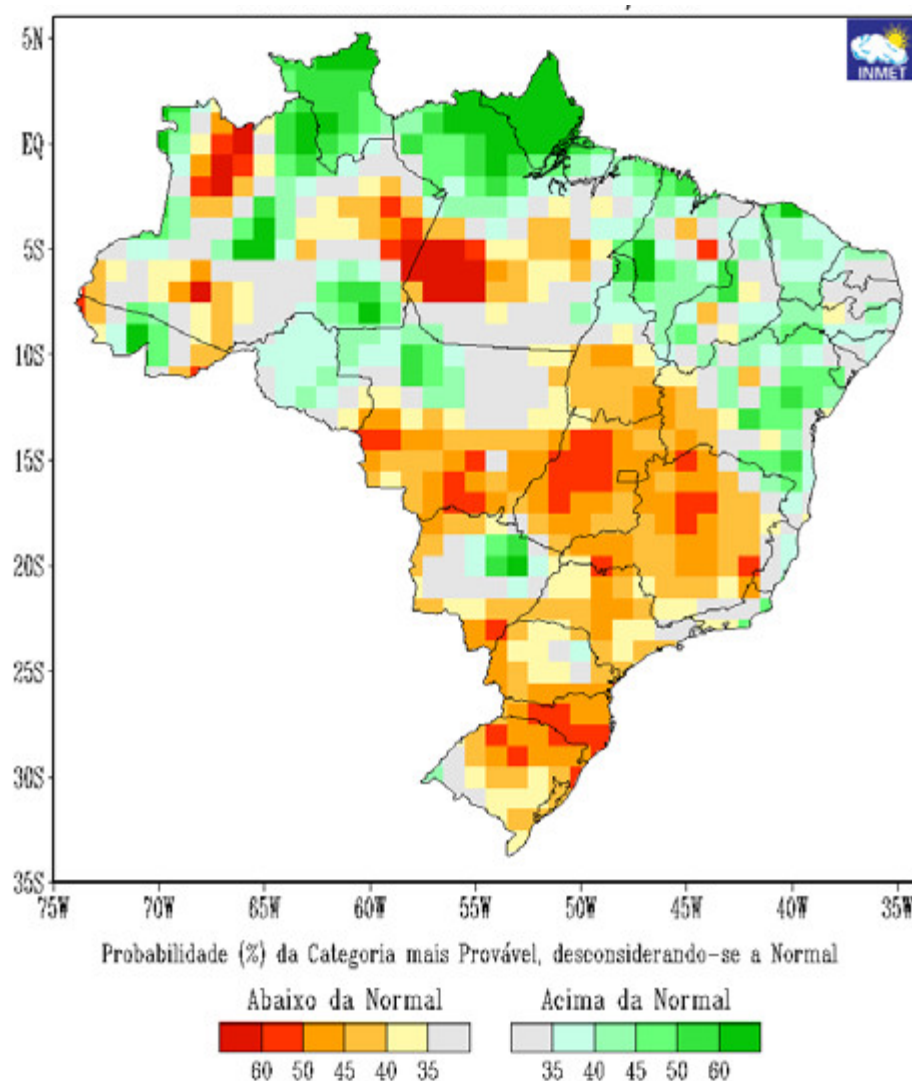
As Regiões Centro-Oeste e Sudeste estão em seu período seco, e as previsões com probabilidades de chuvas abaixo da média apenas reforçam que o período deve ficar dentro da característica típica, com predomínio de áreas com pouca ou nenhuma precipitação. Os maiores volumes podem ocorrer no Rio de Janeiro e no Espírito Santo.



Nas Regiões Norte e Nordeste há o predomínio de áreas com probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima da média no extremo-norte dessas regiões, entre Roraima e o Maranhão. No leste da Região Nordeste há significativa probabilidade de precipitação dentro da faixa normal ou acima durante o período.

Mais detalhes sobre o prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [sítio do INMET](#).

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE JUNHO, JULHO E AGOSTO/2021



Fonte: Inmet.



ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.336,8 mil ha
-17,9%

PRODUTIVIDADE

1.713 kg/ha
-4,9%

PRODUÇÃO

2.342 mil t
-22%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.764,9 mil t
PRODUÇÃO 2.342 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.107,9 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 700 mil t
EXPORTAÇÕES 2.075 mil t
2.775 mil t

O ciclo da cultura está se aproximando de suas fases mais agudas, com boa parte das lavouras já em estádios de formação de capulho e maturação. Ao todo, a safra deve apresentar uma destinação de área para produção na ordem de 1.366,8 mil hectares, 17,9% inferior ao número apresentado na temporada passada. Oscilações nos preços de mercado para a fibra, incertezas climáticas, encurtamento da janela ideal de semeadura, além de maior rentabilidade visualizada para culturas de ciclo mais curto, como soja e milho, favoreceram tal diminuição na área total.



De maneira geral, as condições climáticas são consideradas oscilantes ao longo do ciclo, especialmente em relação às chuvas. Dessa forma, há perspectiva de redução no potencial produtivo da cultura. Assim, a estimativa de produção é na ordem de 5.755,8 mil toneladas de algodão em caroço obtidas ou 2.342 mil toneladas de algodão em pluma. Esses valores indicam redução de 22% em comparação aos resultados na temporada passada.

OFERTA E DEMANDA

Maio já é o quarto mês consecutivo de recordes de exportações mensais de algodão. Diante da grande produção da safra 2019/20, de 3,0 milhões de toneladas de pluma, o Brasil se torna um exportador regular durante todo o ano. No acumulado do mês de maio, os embarques ficaram em 115,24 mil toneladas, subindo 44,1% em relação às 80,0 mil toneladas de igual momento de 2020, maior volume para o período. Em relação ao período comercial, de julho a junho, foram exportadas 2,38 milhões de toneladas, o maior volume já verificado em 1 ano comercial, volume que supera os 1,93 milhão de toneladas do mesmo período do ano passado em 23,1%.

Nesse nono levantamento de safra da Conab, a expectativa é que o Brasil colha na safra 2021/21 um total de 2,34 milhões de toneladas de pluma, queda de 22% em relação à safra passada. Dada à menor produção e à maior exportação, ou seja, menor oferta interna, juntamente o dólar valorizado e preços externos aquecidos, os compradores brasileiros terão que pagar mais pelo produtor doméstico, o que deverá contribuir para sustentar os preços acima da paridade de exportação por boa parte do ano de 2021.

Para o ano de 2021, estimando um consumo interno de 680 mil toneladas,



a queda de 22% na produção, estimada em 2,34 milhões de toneladas, e as exportações acima das 2,0 milhões de toneladas, o estoque final deve cair depois de 5 anos consecutivos de altas. A estimativa da Conab é de que termine o ano em 1,20 milhão de toneladas, queda de 31% em relação ao final da safra anterior. Esse cenário de menor oferta interna deverá manter os preços no mercado doméstico elevados e proporcionar boa rentabilidade ao produtor.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	652,4	1.562,8	2,1	2.217,3	670,0	834,3	713,0
2015/16	713,0	1.289,2	27,0	2.029,2	640,0	804,0	585,1
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,3	685,0	834,1	629,1
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.665,0	670,0	974,0	1.029,9
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	600,0	2.125,4	1.764,9
2020/21	Mai/21	1.764,9	1,0	4.207,9	680,0	2.225,0	1.302,8
	Jun/21	1.764,9	1,0	4.107,9	680,0	2.225,0	1.202,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2021.

Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Centro-Oeste, considerada a maior região produtora do país, houve diminuição de 18,3% na área plantada em comparação ao visualizado na temporada anterior. Assim, foram semeados cerca de 1.007,8 mil hectares nesta safra 2020/21, distribuídos entre os três estados da região, porém a maior redução absoluta foi registrada em Mato Grosso, motivada, principalmente, pela substituição de áreas antes voltadas para cotonicultura, que, neste ciclo, em virtude das condições de mercado, foram direcionadas à semeadura de milho segunda safra, além do estreitamento da janela ideal de plantio em virtude do atraso no ciclo da soja.

Em Mato Grosso houve confirmação de redução na área plantada em



relação à temporada passada, especialmente em razão da menor janela para o plantio e o risco associado à semeadura fora do período ideal, bem como à alta dos preços pagos pelo milho, gerando assim maior concorrência de área para o algodão na escolha da cultura de sucessão à soja de primeira safra. Portanto, o total semeado neste ciclo ficou em 956,1 mil hectares, representando diminuição de 18% em comparação a 2019/20.

Além disso, as condições climáticas não têm favorecido o potencial produtivo da cultura, visto que a escassez de precipitação e as altas temperaturas tendem a provocar queda no rendimento do produto a ser colhido. No geral, as lavouras de plantio mais tardio, consideradas de segunda safra, são as que mais têm apresentado declínio em seu potencial produtivo em virtude do clima adverso. Ao todo, a expectativa é que haja redução de 6,6% na produtividade média final em comparação àquela verificada em 2019/20. Assim, a estimativa para a produção total é de 3.921,9 mil toneladas de algodão em caroço, sinalizando diminuição de 23,4% em relação ao volume colhido na temporada passada. Atualmente, os estádios predominantes são de formação de maçãs e maturação, com perspectiva de início das operações de colheita ao final de junho.

Em Goiás também houve redução na área plantada em comparação à temporada anterior. Foram aproximadamente 27,3 mil hectares semeados com a cultura neste ciclo, simbolizando diminuição de 23,1% em relação a 2019/20. Essa variação de área é reflexo da alta concorrência de área para o cultivo de outras graníferas, como milho e soja, que atualmente têm apresentado muito boa rentabilidade, além da diminuição da demanda mundial pela pluma do algodão.

De modo geral, as lavouras estão, majoritariamente em fase reprodutiva, com



ênfase nos estádios de formação de maçãs e abertura de capulho. A baixa umidade visualizada nos solos traz certa queda no desenvolvimento e no potencial produtivo da cultura, impactando diretamente nas estimativas de rendimento médio. Ao todo, a expectativa é de produção final na ordem de 117,4 mil toneladas de algodão em caroço, apontando redução em comparação à safra passada, especialmente pela diminuição na área plantada.

Na Região Nordeste, a Bahia, segundo maior produtor nacional, também apresenta expressiva redução na área plantada em comparação à safra 2019/20, ficando em 269,2 mil hectares semeados, contra 313,7 mil hectares naquele período. Essa diminuição é fruto da retração do mercado ocorrida durante a pandemia de Covid-19, que provocou a paralisação das vendas, além da erradicação de lavouras de segundo ciclo no centro-norte baiano em razão do plano de defesa agropecuário local, visando o combate do bicudo do algodoeiro.

Em face da boa ocorrência de chuvas durante fevereiro e março, que proporcionou níveis satisfatórios de umidade acumulada nos solos, as lavouras de algodão seguem apresentando bom desenvolvimento. Vale ressaltar também que quase 18% das áreas destinadas à cotonicultura em território baiano dispõe de sistema de irrigação complementar, algo que ameniza eventuais períodos de estiagem. Atualmente, cerca de metade das lavouras estão em fase de abertura de capulho, e as operações de dessecamento visando à colheita já foram iniciadas. Espera-se o início da sega na primeira quinzena de junho, com estimativa de produção na ordem de 1.269,3 mil toneladas de algodão em pluma.

Além da Bahia, o Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte também apresentam produção de algodão na Região Nordeste. A destinação de área é expressivamente menor nessas localidades, se comparadas à cotonicultura baiana, mas potencializam a produção



regional. De modo geral, houve redução nas áreas plantadas nesses estados (exceção feita a Alagoas) em comparação ao visualizado na safra 2019/20, impactando no volume final previsto. Ainda assim, uma produção representativa deve ser colhida, especialmente no Maranhão e no Piauí. Nessas regiões, as lavouras estão, majoritariamente, em fase reprodutiva, entre formação de maçãs e maturação.

Na Região Sudeste, Minas Gerais se destaca na produção da fibra. Para esta safra foram destinados cerca de 28,5 mil hectares à cotonicultura mineira, representando redução de 25,3% em comparação à área plantada em 2019/20. Tal decréscimo se justifica pela concorrência de área com outras culturas como soja, milho e feijão, que, nesta temporada, têm apresentado melhores rentabilidades. Atualmente, as lavouras estão demonstrando redução no potencial produtivo em razão do baixo regime pluviométrico registrado nos últimos meses, impactando assim, no rendimento médio esperado para a cultura, que, nesse momento, está em 3.743 kg/ha de algodão em caroço (11,5% inferior à produtividade média obtida na temporada anterior). Assim, a perspectiva para produção final é pessimista, podendo apresentar diminuição de 33,8% em relação ao resultado da safra passada.

Em São Paulo, a colheita está bem avançada. A redução significativa na área plantada nessa safra ajudou a concentrar a maior parte do cultivo em uma janela de plantio menor, fazendo com que os 4,7 mil hectares semeados estivessem em fases próximas dentro do ciclo de desenvolvimento da cultura. Vale destacar que muitos produtores tradicionais de algodão, especialmente na região de Avaré, optaram pelo plantio de soja em detrimento do da cultura, aproveitando o momento de preços atrativos que a soja tem apresentado. As chuvas recentes influenciaram o ritmo de colheita e implicaram algum prejuízo



de qualidade em certas lavouras. No entanto, a perspectiva geral é de uma produção de qualidade entre boa e regular, com obtenção de aproximadamente 18,9 mil toneladas de algodão em caroço ou 7,4 mil toneladas de algodão em pluma.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor de algodão nesta safra. Houve redução na área semeada em relação a 2019/20 devido à competição de área com outras culturas. Ao todo, foram 800 hectares destinados à cotonicultura neste ciclo, e, até o momento, as condições das plantas são consideradas boas, com a maior parte das lavouras em fase de formação de maçãs e abertura de capulho.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda – Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas



Alta Restrição - Falta de Chuva



Alta Restrição - Excesso de Chuva



Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2019/2020										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	MA			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 1 – Algodão em Campos Lindos - TO

Fonte: Conab.



Foto 2 – Algodão em Paulista -PI

Fonte: Conab.



Foto 3 – Algodão irrigado em Cristalina -GO

Fonte: Conab.

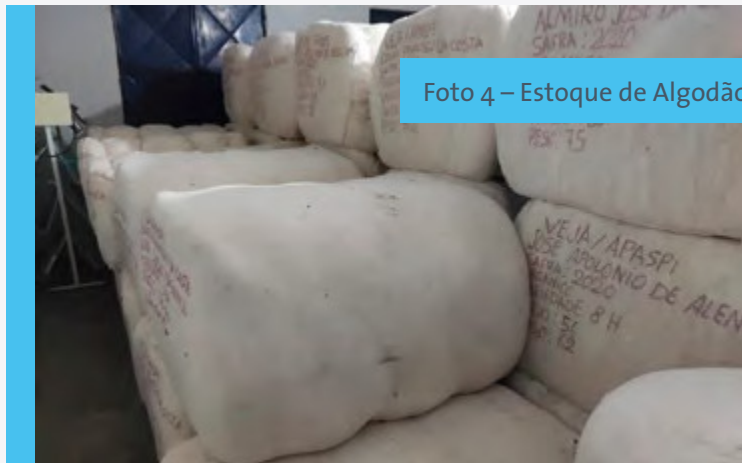


Foto 4 – Estoque de Algodão Orgânico da Associação dos Produtores de Paulistana

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.683,6 mil ha
+1,1%

PRODUTIVIDADE

6.905kg/ha
+2,9%

PRODUÇÃO

11.626,2 mil t
+4,0%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.595,8 mil t
PRODUÇÃO 11.626,2 mil t
IMPORTAÇÕES 1.100 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.800 mil t
EXPORTAÇÕES 1.100 mil t

Para a safra total 2020/21, a previsão é de 11,63 milhões de toneladas produzidas, 4% maior que a safra anterior, em uma área de 1.684 mil hectares, incremento de 1,1% em relação à safra anterior.

Na última semana de maio, já havia 99% da área total colhida. Houve a intensificação da colheita a partir do mês de março, a qual está com as operações em uma evolução similar ao da safra anterior.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra 2020/21 de arroz será de 4% maior que a safra 2019/20. Esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de incremento da produtividade (+2,9%). Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+1,1) que a inicialmente prevista nos modelos estatísticos. Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais. Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual elevado patamar de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços dos grãos que competem por área com cultura do arroz (soja e milho).



Especificamente sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste nono levantamento, não houve significativa alteração dos números apresentados no sétimo levantamento. Com isso, segue a perspectiva, para o longo de 2021, de recomposição dos estoques de passagem, como resultado da projeção de retração do consumo em razão das estimativas de recuperação econômica, haja vista a elasticidade-renda negativa do arroz. Sobre a balança comercial, a projeção de preços elevados, somada à estimativa de fortalecimento da moeda nacional, reduzirá o ritmo de exportações identificado na safra 2019/20 e a projeção é que o país venda 1,3 milhão de toneladas na safra 2020/21. Assim, a expectativa é que o período encerre com um ameno superavit de 200 mil toneladas na balança comercial do grão, com importações de 1,1 milhão de tonelada para o mesmo período.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA-EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	2.304,9	12.448,6	510,0	15.263,5	11.830,5	1.311,1	2.121,9
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	11.000,0	1.813,4	1.595,8
2020/21	Mai/21	1.595,8	11.615,5	1.100,0	14.311,3	10.800,0	2.211,3
	Jun/21	1.595,8	11.626,2	1.100,0	14.322,0	10.800,0	2.222,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.



ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte, a previsão é de incremento na área plantada em 2,0% em comparação à safra anterior, podendo aumentar a produção que, atualmente, está estimada em 1.054,3 mil toneladas (aumento de 6,3% em comparação à safra passada). Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz, tendo como maior destaque a produção de Tocantins.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro, tanto safra, quanto safrinha. Para a cultura em primeira safra, a cultura está em fase final de colheita. A oferta de água foi suficiente para o suprimento das plantas, e os resultados finais foram satisfatórios. A colheita da primeira safra iniciou na primeira quinzena de março. Em abril, a maior parte foi colhida, restando um pequeno percentual, que foi finalizado em maio.

Quanto à cultura em segunda safra, a caracterização fenológica é a seguinte: 5% em desenvolvimento vegetativo, 45% em floração e 50% em enchimento de grão.

As primeiras estimativas apontam para uma manutenção na área total cultivada de 42,5 mil hectares, com perspectiva de produção superior a 139,5 mil toneladas.

Atualmente cerca de 99% da safra 2020/21 já foi comercializada. Como de costume, quem compra grande parte desta produção são as empresas privadas em Rondônia. Essas fomentam a rizicultura no estado, seja por meio de crédito aos produtores, empréstimos, troca por produtos, entre outras modalidades de negociação.



No Acre, a colheita foi encerrada, onde o cultivo de arroz é unicamente de sequeiro e cultivado na safra de verão. O plantio ocorre de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura devido ao período chuvoso.

Mesmo com o aumento da demanda e do preço do arroz, a tendência é de retração de 24,5%, com uma área cultivada em torno de 3,7 mil hectares e produtividade média de 1.239 kg/ha.

Em Tocantins, a previsão é de aumento na área plantada em comparação a safra anterior, especialmente em razão da maior valorização do grão no mercado interno/externo.

Para o arroz de sequeiro, a colheita se encontra finalizada e, por se tratar de uma cultura voltada principalmente para subsistência, o pequeno excedente é comercializado em feiras locais e programas governamentais. Em todo o estado o volume de produção é considerado pequeno e com viés de baixa em algumas regiões, respondendo por apenas 0,6% da produção total. As produtividades geralmente são condizentes com o grau de tecnologia usada.

Quanto ao arroz irrigado, de primeira safra, a colheita se encontra concluída em todo o estado, com médias de produtividade oscilando entre 90 e 120 sacas/ha. Houve uma variação de produtividade em torno de 5,7% em comparação à safra passada, 2019/20. Para o alcance dessa variação, o produtor investiu em adubação, utilização de novas variedades e melhoria no manejo da cultura, tudo isso atrelado às boas condições climáticas, que contribuíram para o bom desenvolvimento da cultura.

Para o arroz irrigado segunda safra, este cultivo tem-se tornado mais



escasso nas áreas de várzeas. Foi registrado 530 hectares cultivados nos municípios de Formoso do Araguaia e Guaraí.

No município de Formoso do Araguaia foram colhidos 300 hectares, com produtividade de 97 sacas/ha, e no município de Guaraí a cultura se encontra em fase de floração, com expectativa de colher uma área de aproximadamente 230 hectares.

Em Roraima, o cultivo acontece em dois momentos. Uma parte das lavouras, denominada safra de verão, referente à safra 2020/21, foi confirmada em 8.500 hectares, com plantio finalizado no início de dezembro.

A colheita do grão foi finalizada no início da segunda quinzena de abril. Apesar do elevado índice pluviométrico neste mês, houve perdas, mas não foram significativas, pois grande parte dos produtores encerraram a colheita antes do início do período chuvoso.

Já o segundo período de plantio do arroz irrigado de inverno (por inundação), para a safra 2020/21, estima-se uma área de 4 mil hectares, com produtividade de 6.800 kg/ha.

O plantio foi iniciado em maio e deve se estender até a primeira quinzena de junho. Os produtores já registram cerca de 70% da área plantada, mas em razão das chuvas intensas na região, eles enfatizam a necessidade de ao menos uma semana de sol para finalizarem o plantio.

Apesar desse período chuvoso, a expectativa é positiva, devendo-se manter ou superar a produtividade inicialmente prevista.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro.



No Pará houve pequena redução na estimativa de área plantada em relação a 2019/20, indicando destinação de 43,1 mil hectares nesta safra. Houve uma pequena alteração no arroz irrigado do estado, e o município de Salvaterra passou a ser considerado arroz irrigado. A área de arroz irrigado passou de 4.400 hectares para 5.500 hectares. O arroz de sequeiro recuou em área e passou de 39.900 hectares para 37.600 hectares.

Na Região Nordeste, a intenção é de aumento na área plantada em 6% em comparação ao ciclo passado. A expectativa é que sejam semeados 166,6 mil hectares, distribuídos em oito estados da região.

No Maranhão, para o arroz irrigado na safra 2020/21, os agricultores cultivaram uma área correspondente a 2.600 hectares, com um rendimento médio de 6.000 kg/ha, nos municípios de Arari e Vitória do Mearim.

No município de Viana foi cultivada uma área de 200 hectares, e obtiveram uma produtividade de 6.000 kg/ha. Na região de Viana e seu entorno não houve expansão de áreas, principalmente devido à própria várzea, limitando-se a uma determinada faixa do rio. As lavouras estão com um desenvolvimento satisfatório, e o produto colhido é de boa qualidade.

Para o arroz de terras altas ou arroz de sequeiro a colheita atinge cerca de 77% da área plantada no estado. A colheita foi finalizada em diversas localidades de todas regiões do estado e segue avançando, com previsão de término até início de junho de 2021. As demais lavouras se encontram em maturação e enchimento de grãos.

O cultivo dessa cultura é realizado em maior parte pela agricultura familiar, com baixa tecnologia, que conta com sementes fornecidas pelo projeto Mais Sementes e Mudas do governo do estado, das variedades



BRS Sertanejo e Esmeralda. Esse insumo foi distribuído para a região sul do estado, entre o final de dezembro de 2020 e janeiro de 2021 e, para as demais regiões, entre o final de janeiro e meados de fevereiro de 2021.

Na microrregião de Itapecuru Mirim, no norte maranhense, a colheita do grão foi iniciada no final de abril de 2021 e acontecerá até início de junho de 2021. Nas microrregiões de Chapadinha e Baixo Paranaíba Maranhense, no leste maranhense, a colheita iniciada no final de abril de 2021 também ainda está ocorrendo, e continuará até início de junho de 2021.

Nos municípios de São Mateus do Maranhão, Arari, Vitória do Mearim e Viana tem-se utilizado o sistema de produção chamado de “sequeiro favorecido”. Nesse sistema, fazem uso de cultivares de arroz irrigado em ambientes onde ocorre a inundação natural dos campos por águas pluviais.

No município de São Mateus, 95% do arroz produzido nesse sistema foram colhidos. As lavouras e o produto colhido se encontram em bom estado. Os produtores estão satisfeitos com o rendimento alcançado, e pretendem aumentar a área nas próximas safras.

Na região de Arari, 95% da produção foi colhida, e a fase fenológica da cultura é a de maturação.

No município de Viana, o excesso de água ocorrido em abril dificultou a colheita, prejudicando o rendimento da lavoura. A cultura se encontra com 90% colhida e 10% em fase de maturação.

No Piauí, a área de arroz total deve apresentar incremento na ordem de 4,7%, atingindo cerca de 56,2 mil hectares. Esse aumento é devido principalmente ao preço atrativo do cereal.



O plantio das áreas de sequeiro foi concluído durante janeiro. As lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento, já se encontrando em maturação e com cerca de 80% colhido, onde as áreas de agricultura empresarial que representam cerca de 30% do total, já se encontram colhidas. Já as áreas irrigadas estão em período de plantio.

A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada. Nesta safra, a intenção é de manutenção de 3,1 mil hectares, com estimativa de produção de 21,4 mil toneladas.

A produção de arroz no estado está concentrada em dois perímetros irrigados: Boacica e Itiúba. Ambos localizados nos municípios de Igreja Nova e Porto Real do Colégio, respectivamente. Cada perímetro com regimes distintos de safra. Neste período, mais de 50% da área plantada foi colhida no perímetro Boacica, enquanto no Itiúba a colheita será iniciada em março, com pico de colheita em abril.

Em Sergipe, 100% da área plantada de arroz foi colhida, com parte dessas áreas sendo utilizadas logo após para o plantio de uma segunda safra em 2021.

Há informações de aumento significativo de uma segunda área plantada em Sergipe, que é resultado da elevação dos preços do grão no mercado nacional.

No entanto, há informações de uma pequena área plantada em janeiro e



fevereiro no município de Propriá, estimada em 350 hectares sendo que outros municípios já registraram um segundo cultivo de arroz no ano.

Nos próximos levantamentos a campo, espera-se a confirmação das áreas, as condições de cultivo e a produção dessas áreas plantadas duas vezes ao ano.

Em Pernambuco, o arroz irrigado no estado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, onde é cultivado às margens e sobre ilhas do Rio São Francisco, onde o plantio normalmente tem início na segunda quinzena de janeiro e se estende até junho.

Toda a área cultivada é conduzida por agricultores que trabalham em regime de parceria com a única empresa de beneficiamento de arroz da região, que fornece os insumos e assistência técnica para os produtores.

Nesta safra, a área cultivada deve apresentar uma retração de 40% em relação à safra passada, assim como o rendimento deve ter redução de 5,9%, tanto o declínio na área cultivada quanto no rendimento está sendo atribuído à dificuldade de empregar o mesmo pacote tecnológico da safra passada diante da elevação nos custos de produção.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a estimativa é de incremento na área plantada em 3,2%, quando comparada à última safra, ficando em 157,4 mil hectares semeados. Quanto à produção, espera-se que sejam colhidas cerca de 622,5 mil toneladas, representando incremento de 4,8% em relação à safra 2019/20.

Em Mato Grosso, a colheita do arroz foi finalizada em maio. A situação climática adversa, onde houve excesso de precipitações pluviométricas



para o arroz de primeira safra, especialmente em fevereiro e março, somado aos manejos impróprios para um pacote de alta tecnologia, culminou na ocorrência de elevado percentual de grãos avariados e de número de inteiros fora dos padrões, em comparação às últimas safras.

Ainda assim, a produtividade média obtida não observou queda, se limitando os problemas aos parâmetros qualitativos, obtendo-se 3.476 kg/ha, sendo o resultado inclusive levemente superior ao registrado na última safra, muito por conta das inversões financeiras crescentes aplicadas à cultura.

Sendo a área semeada de 114 mil hectares, a produção colhida foi de 396,3 mil toneladas, e a entrada de oferta tem pressionado as cotações, na região de Sorriso e Sinop. Estima-se que a comercialização do arroz em Mato Grosso já se aproxime de 34,8%.

No que diz respeito ao arroz de segunda safra, a sua colheita também foi finalizada no estado em maio, com área semeada de 8,5 mil hectares, produtividade média de 3.028 kg/ha e produção obtida de 25,7 mil toneladas.

Em Goiás, a área de sequeiro se mantém estável em 6 mil hectares, enquanto a área irrigada em 18,2 mil hectares, sob áreas de pivô central por questões de mercado, remunerando melhor os produtores, onde são cultivadas cultivares mais adaptáveis ao clima.

O arroz de sequeiro está em fase de colheita, sendo a produção pequena e destinada ao consumo próprio ou comercialização local, com rendimento próximo a 2.100 kg/ha. Algumas áreas de sequeiro, com melhor pacote tecnológico, estão também na fase de colheita, e tem produtividade média



de 2.470 kg/ha, porém são áreas de pouco mais de 200 hectares.

Quanto ao irrigado, a colheita ocorre de forma escalonada durante cinco meses aproximadamente, e já está praticamente finalizada. Os rendimentos são entre 5 e 6 mil kg/ha.

Na Região Sudeste, estima-se uma retração da área cultivada em 3,8%, apresentando cultivo nos quatro estados, com maior concentração de área em São Paulo.

Em São Paulo, a colheita foi finalizada. Segundo os informantes, as lavouras apresentaram uma boa produtividade devido às boas condições das lavouras em campo.

A colheita do arroz está encerrada na região do Vale do Paraíba. A produtividade auferida foi boa, com o clima ao longo da safra favorável. Sem problemas que afetaram a produtividade.

Em Minas Gerais, o plantio foi finalizado em dezembro, incluindo a semeadura das áreas em sequeiro e irrigadas. As áreas irrigadas são cultivadas em municípios com tradição de cultivo, com obtenção de produtividades mais elevadas. A estimativa total é de 1,6 mil hectares destinados ao cultivo do cereal nesta safra, retração de 20% em relação à safra 2019/20.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A estimativa é que a área cultivada com o arroz na região seja de 1.116,6 mil de hectares, uma área similar à da safra anterior.

No Paraná, a cultura do arroz de sequeiro é de pouca relevância, cultivada nas entrelinhas de culturas perenes e com baixíssima tecnologia. A



colheita está finalizada, e a produtividade obtida foi menor que a da safra anterior devido ao deficit de chuvas na implantação das lavouras, que afetou negativamente o desenvolvimento inicial da cultura.

Para o arroz irrigado, após a conclusão da colheita, observou-se incremento na produtividade obtida em relação à expectativa inicial.

Os bons preços praticados pelo mercado possibilitaram maior investimento em tecnologia na condução das áreas de cultivo, resultando em boas produtividades. Ademais, como a cultura é irrigada, não sofre revezes por falta de chuvas.

Em Santa Catarina, a safra principal do arroz está com a colheita finalizada. Na faixa Leste/Norte, onde se aproveita a soca do arroz para uma segunda colheita, os produtores iniciaram a colheita no início de maio e têm perspectivas de encerramento até o início de junho.

Tradicionalmente em torno de 18% da área total há o aproveitamento da soca da cultura. Por ser uma cultura que exige altos investimentos na sistematização dos campos para adequação ao sistema de irrigação por inundação, há certa estabilidade na área plantada em torno de 149.592 hectares em Santa Catarina.

Quanto à produção, é esperada a colheita de 1,19 milhão de tonelada de arroz. Essa safra menor em 1,9% é resultado da redução na produtividade média, que deverá ficar em torno de 7.947 kg/ha, contra os 8.100 kg/ha obtidos na safra 2019/20. Vale lembrar que na safra 2019/20, a produtividade média obtida foi superior às observadas nos anos anteriores, especialmente na região sul do estado, graças a uma conjunção de fatores favoráveis como uma boa distribuição das chuvas e alta taxa de luminosidade.



No Rio Grande do Sul, a colheita do arroz está encerrada, tendo sido colhido os últimos 10% restantes durante maio. As condições climáticas foram ideais para as operações, já que o volume de chuva, embora tenha sido próximo da normalidade, ficou concentrado em poucos episódios de grande intensidade. De maneira geral, todo o período de colheita foi favorável, sem muitos relatos de chuvas que atrapalharam as operações.

Com a conclusão da colheita, os informantes seguem a consolidação dos dados junto aos produtores. Com isso, a produtividade média foi mantida igual ao levantamento anterior, configurando essa como a safra com maior produtividade já registrada. Isso se deve a alguns fatores como: boas condições de temperatura e luminosidade durante o ciclo da cultura, rotação com soja, semeadura no período recomendado, eliminação de áreas marginais ou muito infestadas por invasoras, além da constante evolução dos produtores quanto a manejo e tecnologias, efeito da ótima assistência técnica disponível no estado por meio do Irga/RS.



QUADRO 2 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica					
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C		
PR**	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

**irrigado

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.941,6 mil ha
0,5%

PRODUTIVIDADE

1.046 kg/ha
-5,2%

PRODUÇÃO

3.077 mil t
-4,5%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 269,8 mil t
PRODUÇÃO 3.077 mil t
IMPORTAÇÕES 120 mil t
3.427,3 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 3.050 mil t
EXPORTAÇÕES 164 mil t
3.214 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio dentro do ano-safra, favorecendo assim uma oferta constante do produto. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra entre janeiro e abril e o de terceira safra, de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, o primeiro ciclo está com a colheita encerrada nos quase 909,2 mil hectares destinados à cultura pelo país. A produção alcançada foi de 1.011,7 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi. Tal resultado representou redução de 8,5% em relação ao volume obtido em 2019/20, especialmente pelas oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo na Região Sul e na Bahia, impactando na produtividade das lavouras.

Atualmente, as lavouras de segunda safra estão em evidência. Elas despontam para suas fases mais agudas do ciclo e devem intensificar suas operações de colheita nos quase 1.461,4 mil hectares semeados com a



cultura nesse período. De maneira geral, a previsão é de obter um volume próximo àquele verificado em 2019/20, estimando-se cerca 1.239,1 mil toneladas do grão.

Ademais, a evolução das lavouras de segunda safra e o ciclo do feijão terceira safra já estão em voga, com a semeadura da cultura se consolidando e muitas áreas já apresentando lavouras implantadas e em pleno desenvolvimento. No geral, são esperados cerca de 571 mil hectares destinados ao cultivo desse feijão pelo país, com maior destaque para a produção na Região Nordeste, Centro- Oeste e Sudeste.

Assim, a perspectiva total para o feijão nesta temporada 2020/21 é de destinação de 2.941,6 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi), e uma produção de 3.077 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

Em relação ao feijão cores, no atacado em São Paulo o mercado segue calmo, com poucas negociações, e preços praticamente estáveis, o que mostra que a oferta, nos atuais patamares de preços, continua sobrepondo as necessidades da demanda. A fraca demanda também está sendo motivada pela falta de mercadoria de boa qualidade, pois a maioria das ofertas procede do estado do Paraná, prejudicada pelo clima adverso.

A pressão por preços menores, por parte dos compradores, não está surtindo êxito, devido, em parte, ao pouco volume que vem sendo ofertado. Nota-se que muitos corretores/produtores reduziram as quantidades ofertadas, objetivando uma maior valorização do produto.

Na Região Centro-Sul do país, a segunda safra se encontra em plena



colheita, devendo atingir o seu pico entre meados de maio e meados de junho. No Paraná, o clima irregular desde o mês de janeiro atingiu boa parte da área semeada, comprometendo a produtividade e a qualidade dos grãos. Apesar da estimativa de uma menor produção, em relação à previsão divulgada pela Conab, em maio, os preços não apresentaram a evolução esperada pelos agentes de mercado, vez que o pouco interesse dos compradores continua sendo por produtos comerciais, abaixo de R\$ 280,00 a saca.

A escassez da mercadoria extra, a possibilidade do produtor reter em estoque parcela da produção, e, ainda, as incertezas quanto ao fator clima, devem manter os agentes de mercado em alerta, e, deste modo, diminuindo a expectativa que era de recuo nos preços, com a entrada mais expressiva do produto colhido na segunda safra.

Assim, em função dos problemas de ordem climática, reduzindo a cada dia a qualidade e a quantidade da mercadoria ofertada, a tendência é de um quadro de suprimento, novamente, ajustado. Com isso, os preços devem continuar atrativos, mas, por outro lado, sem espaço para maiores elevações devido às dificuldades que as indústrias de empacotamento vão encontrar para repassar esses valores ao setor varejista e este aos consumidores.

A estimativa de uma boa produção, na terceira e última safra desta temporada 2020/2021, deve manter as cotações em torno dos atuais valores praticados no mercado, e as oscilações vão depender, exclusivamente, da necessidade de compras e da disposição de vendas por parte dos produtores.

Já em relação ao feijão preto, no atacado, em São Paulo, o mercado segue



calmo e com poucas negociações. A tendência é de preços mais baixos devido à entrada da produção da segunda safra, que atinge o seu pico de colheita entre os meses de maio e junho. A maior parte dos empacotadores continua se abastecendo diretamente nas fontes de produção, onde a colheita ultrapassa metade da área prevista para esta temporada.

Em se tratando da balança comercial, a redução nas importações é reflexo, em parte, da forte valorização do dólar frente ao real. Em 2020 foram importadas cerca de 113,6 mil toneladas, isto é, 36,0 mil toneladas a menos que o montante recebido em 2019. O feijão preto é a principal variedade importada pelo país. A exportação, em que pese os elevados preços praticados no mercado interno, foi a maior da história em 2020, superando em 12,6 mil toneladas a registrada em 2019. O feijão caupi é a principal variedade exportada pelo Brasil.

Em seu nono levantamento para acompanhamento da temporada 2020/2021, a Conab estima uma produção de 3,08 milhões de toneladas. Esse volume representa um decréscimo de 4,5% em relação a registrada em 2019/2020. Agora, com a redução do auxílio emergencial, produção ajustada, e preços em patamares elevados, a tendência é que o consumo interno retorne ao mesmo patamar de 2018/2019, estimado em 3,05 milhões de toneladas.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 250,3 mil toneladas, o consumo em 3,05 milhões de toneladas, as importações em 100,0 mil toneladas, e as exportações em 160,0 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 217,3 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T



SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,1	120,0	3.582,8	3.150,0	163,0	269,8
2020/21	Mai/21	249,8	3.105,1	100,0	3.454,9	3.050,0	244,9
	Jun/21	250,3	3.077,0	100,0	3.427,3	3.050,0	217,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2021.

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A primeira safra do ciclo 2020/21 está finalizada, alcançando uma produção de pouco mais de 1 milhão de toneladas do grão, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi.

De modo geral, as lavouras apresentaram condições consideradas oscilantes durante o desenvolvimento vegetativo. É importante ressaltar que no início do ciclo boa parte das regiões produtoras registraram chuvas abaixo do esperado e temperaturas acima da média, porém com o avançar dos dias, as condições passaram a ser mais favoráveis, apresentando chuvas mais constantes.

Já no final do ciclo, a preocupação maior foi com excesso de chuvas durante a maturação e a colheita, especialmente na Região Sul, bem como a restrição hídrica nas lavouras do Nordeste, principalmente na Bahia, em virtude do baixo volume pluviométrico registrado no centro e no extremo-oeste baiano.

Assim, houve redução no potencial produtivo da cultura, ficando abaixo



do resultado obtido na temporada passada, especialmente em razão da diminuição do rendimento médio.

QUADRO 3 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva			Baixa Restrição - Excesso de Chuva			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva			Média Restrição - Excesso de Chuva			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva			Alta Restrição - Excesso de Chuva			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	E/DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
MT**	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
DF	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
SP**	Bauru	PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C					
	Assis	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
	Itapetininga	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
Metropolitana de Curitiba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
continua													

continua



UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RS	Noroeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

**parte irrigado

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A segunda safra de feijão-comum cores está com a colheita em andamento em diversos estados produtores, e a perspectiva geral é de redução na produção final em comparação a 2019/20, especialmente pela diminuição na área plantada e também pela irregularidade climática visualizada durante o ciclo da cultura, principalmente no que diz respeito ao regime pluviométrico no centro-sul do país. Assim, a estimativa atual é de obtenção na ordem de 490,4 mil toneladas com o feijão-comum cores nesse período, indicando decréscimo de 13,9% em comparação ao resultado demonstrado no ano passado.

No geral, os maiores destaques do período ficam por conta das produções no Sul e Sudeste, porém o cultivo se espalha por todas as regiões brasileiras.

Em Rondônia, por exemplo, cerca de 3,9 mil hectares foram destinados ao plantio da cultura neste ciclo. O cultivo é feito exclusivamente por pequenos produtores, e o nível tecnológico é considerado de médio a baixo. Atualmente, as lavouras estão, majoritariamente, em fase de



maturação, inclusive com uma pequena porção da área já colhida. No geral, a estimativa de produção é de 4,4 mil toneladas do grão neste período.

Na Paraíba, o plantio do feijão-comum cores segunda safra está em andamento, com expectativa de destinação de 23,8 mil hectares para tal cultivo. Essa área semeada coloca o estado como aquele que dispensa a maior quantidade de área para a produção da cultura na segunda safra dentro da Região Nordeste, no entanto, o rendimento é considerado baixo, por se tratar, majoritariamente, de um sistema produtivo de baixa tecnificação, destacando-se entre os pequenos produtores. No momento, a cultura está, predominantemente, em fase reprodutiva, e a expectativa é de produção na ordem de 11,2 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de feijão-comum cores nessa segunda safra são todas irrigadas, e seguem em fase de desenvolvimento vegetativo. O início da colheita é esperado para fim de junho e deve se estender até agosto, com previsão de obtenção na ordem de 40,5 mil toneladas, em uma área plantada de 15 mil hectares. O cultivo é mais tardio, depois da colheita da soja, justamente para mitigar a incidência de mosca-branca, porém sem sofrer com os impactos da redução das precipitações durante o outono-inverno no extremo-oeste baiano (local onde está a maior concentração desse cultivo).

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-comum cores segunda safra já está em andamento nos 24,1 mil hectares semeados com a cultura nesse período. A escassez de precipitação em momentos críticos do desenvolvimento das plantas fez com que o potencial produtivo da cultura fosse afetado, apresentando assim, estimativa de redução no rendimento



médio alcançado. Assim, a produção final esperada é de 41,9 mil toneladas, representando decréscimo de 46,6% em comparação ao resultado obtido em 2019/20.

Em Minas Gerais houve redução na destinação de área para o plantio do feijão-comum cores nesta segunda safra, se comparado ao visualizado na temporada passada. Foram cerca de 95,8 mil hectares semeados com a cultura nesta temporada, representando diminuição de 22% em relação a 2019/20. Atualmente, as lavouras estão, majoritariamente, em fase reprodutiva, com iminência de intensificação das operações de colheita já em junho. A perspectiva é de produção na ordem de 129,1 mil toneladas.

No Paraná, a colheita está em andamento e o rendimento da cultura se apresenta bastante prejudicado. Na segunda quinzena de maio a colheita foi intensificada, pois o feijão acelerou o seu ciclo em muitos locais devido ao tempo firme. As primeiras áreas colhidas obtiveram boas produtividades, mas as lavouras que estão sendo colhidas atualmente estão apresentando baixos rendimentos, com qualidade de grão regular, haja vista que durante o período entre abril e maio não ocorreram níveis de precipitação adequados. As perdas de potencial produtivo já estão sendo visualizadas, e a estimativa atual de produção é de 143,5 mil toneladas, algo bem mais próximo que o volume colhido na temporada passada, que também foi considerada abaixo do esperado em razão das adversidades climáticas.



FEIJÃO-COMUM PRETO

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para esta temporada, houve acréscimo na área cultivada em relação a 2019/20, alcançando 192,1 mil hectares semeados em todo país. O maior destaque fica por conta da produção na Região Sul, especialmente no Paraná, que representa mais de 70% dessa área total.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios, e a área destinada ao seu plantio ficou em 2,6 mil hectares nesse ciclo. As lavouras estão em pleno desenvolvimento vegetativo e a perspectiva é que a partir de julho sejam colhidas as primeiras áreas.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área destinada nesta safra foi de 6,4 mil hectares, com projeção de colheita na ordem de 5,1 mil toneladas.

No Paraná, o expressivo aumento de área visualizado nesse ciclo impulsionou as estimativas para a presente safra. Ao todo foram 134,5 mil hectares semeados com o feijão-comum preto nesta segunda safra, representando aumento de 23,2% em relação ao total cultivado em 2019/20. O atraso no plantio trouxe preocupação aos produtores em relação ao ciclo da cultura, especialmente em relação ao estresse hídrico, visto que as precipitações registradas entre abril e maio foram abaixo do esperado, impactando no potencial produtivo das plantas. Ainda assim, a produção estimada, nesse momento, é na ordem de 172,8 mil toneladas, 38,6% superior ao volume colhido em 2019/20.

Em Santa Catarina houve aumento na área semeada em comparação



a 2019/20. Os preços atrativos pagos pelo produto e a janela de plantio encurtada, devido ao atraso nas culturas de primeira safra, fizeram com que muitos produtores optassem pelo cultivo do feijão. Assim, foram cerca de 29,1 mil hectares destinados a tal plantio nessa segunda safra.

As chuvas escassas de março e abril têm comprometido a expressão do potencial produtivo da cultura e do pacote tecnológico empregado pelos produtores. Com a colheita se encaminhando para sua fase final, o que se prevê é uma redução na produtividade média em relação à safra passada, mas que será contornada pelo incremento de área, fazendo com que a produção esperada seja superior à de 2019/20, devendo alcançar 35,7 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, a colheita já está em quase 80% dos 18,8 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra. Embora as condições climáticas tenham sido boas em parte do ciclo, houve alguns registros de estiagem e até incidência de geada em regiões do Planalto Médio. Ainda assim, a estimativa é de produção superior à temporada passada, chegando a 27,7 mil toneladas (no exercício anterior foram 22,4 mil toneladas).

FEIJÃO-CAUPI

Na Paraíba, a cultura tem grande relevância, principalmente por sua rusticidade, fazendo com que regiões de clima mais árido consigam produzir em quantidade satisfatória. Com isso, o cultivo é bastante pulverizado pelo estado, e a estimativa para esta temporada é de destinação de 73,9 mil hectares de feijão-caupi. As lavouras estão em diferentes fases de desenvolvimento, inclusive com áreas já colhidas. No geral, a expectativa de produção estadual é na ordem de 30,3 mil



toneladas.

Em Pernambuco, mais especificamente na mesorregião do sertão (chapada do Araripe e regiões serranas), foram destinados cerca de 104,7 mil hectares para o plantio de feijão caupi nessa segunda safra. O clima foi considerado desfavorável durante parte do ciclo da cultura, isso acarretou em redução no potencial produtivo, especialmente em razão dos baixos níveis de precipitação nas localidades em questão. Assim, a estimativa é de redução na produção final, se compara a 2019/20, devendo alcançar um volume de 24,1 mil toneladas colhidas (colheita em andamento).

Na Bahia, o cultivo do feijão-caupi de segunda safra ocorreu após a colheita da soja, destinando cerca de 50 mil hectares para tal semeadura. O manejo da cultura é realizado em condições de sequeiro e se concentra, majoritariamente, no extremo-oeste do estado. As condições climáticas estão oscilantes, mas as lavouras apresentam bom desenvolvimento, até pela maior rusticidade que a cultura tem, especialmente em tolerância de deficit hídrico. Assim, a estimativa é de aumento na produção final em comparação a 2019/20, podendo alcançar cerca de 45 mil toneladas.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão- caupi segunda safra já teve início, ainda que de forma incipiente, devendo se intensificar a partir de junho. O estágio predominante neste momento é o de enchimento de grãos. Observa-se que, mesmo para o feijão-caupi, que é uma cultura mais rústica e menos sensível à escassez hídrica, pode haver redução de rendimento médio, pois parte das lavouras foi semeada fora da janela ideal e tem sofrido com a escassez hídrica. No geral, a estimativa é que sejam colhidas um pouco mais de 177 mil toneladas do grão nesse período, em uma área plantada de 152,8 mil hectares. Tal resultado implicaria em crescimento na produção final quando comparada a 2019/20, e isso se



deve ao maior direcionamento de área para o cultivo na atual temporada.

QUADRO 4 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica												
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
MA	Oeste Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Centro Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Sul Maranhense				S/E	DV/F	EG/M	M/C				
CE	Noroeste Cearense		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Norte Cearense		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Sertões Cearenses		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
MT	Norte Mato		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Nordeste Mato		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Sudeste Mato		SS	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
GO	Noroeste Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Norte Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Leste Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Sul Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Noroeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Central Mineira		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Vale do Rio Doce		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Oeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Sul/Sudoeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Campo das Vertentes		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Zona da Mata		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Central Espírito-Santense		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
SP	Campinas		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Assis		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
	Itapetininga		S/E	DV/F	EG	EG/M	C					
PR	Norte Central Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Norte Pioneiro Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba	S/E	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C					



UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
SC	Oeste Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Norte Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sul Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

As lavouras já estão sendo implantadas, e a tendência é de intensificação dessas operações de semeadura nas próximas semanas. Ao todo, são esperados cerca de 571 mil hectares cultivados com o feijão terceira safra pelo país, com destaque para o feijão-comum cores no Centro-Oeste, no Sudeste e no Nordeste.

FEIJÃO-COMUM CORES

Esse tipo de feijão é disparadamente o mais cultivado nesse período de terceira safra. Regiões como o Nordeste, o Centro- Oeste e até o Sudeste, se destacam bastante no plantio dessa cultura, especialmente em condição irrigada. De maneira geral, a expectativa é que sejam destinados cerca de 491,5 mil hectares para a semeadura do feijão-comum cores nesse período por todo país.

Na Região Nordeste, a previsão é que sejam destinados quase 274 mil hectares para o plantio do feijão-comum cores nessa terceira safra. Tal cultivo se distribuirá em quatro estados da região (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe), com maior destaque para a produção baiana.



Em Pernambuco, a destinação de área para o plantio do feijão-comum cores terceira safra está estimada em 76,8 mil hectares. O cultivo se concentra na mesorregião do agreste e, por isso, costuma apresentar melhor desempenho em comparação ao feijão produzido no sertão pernambucano, principalmente pelo regime de chuvas mais abundante na primeira região. Atualmente, as lavouras já implantadas estão em desenvolvimento vegetativo, com algumas delas já ingressando na fase de floração.

Na Bahia, esse período é de grande relevância para a produção de feijão-comum cores. Na temporada atual, por exemplo, deverão ser semeados cerca de 161,5 mil hectares com a cultura, representando a maior destinação de área entre todos estados durante a terceira safra de feijão. Ainda assim, esse número sinaliza redução de área plantada em comparação a 2019/20, principalmente pela substituição da cultura pelo cultivo de milho. No geral, as lavouras já implantadas estão em desenvolvimento e aquelas ainda não semeadas deverão ser cultivadas até o fim de junho.

Na região Centro Oeste, a perspectiva é de produção nos três estados e no Distrito Federal. Espera-se uma destinação de área para o plantio na ordem de 129,5 mil hectares, com maior concentração desse cultivo em Mato Grosso e em Goiás. Quanto à produção, a estimativa inicial para a região é de obtenção de 341 mil toneladas de feijão-comum cores nesse período.

Em Mato Grosso, há uma tendência de aumento na área plantada (saindo de 53,9 mil hectares em 2019/20 para 66,4 mil hectares nesse ciclo), especialmente pelos bons preços atribuídos ao feijão-comum cores nesse período, além do clima adverso para a semeadura da cultura na



segunda safra, “empurrando” a janela ideal de plantio para a terceira safra. Atualmente, o plantio já foi iniciado, porém de forma incipiente, devendo se intensificar a partir de junho. Vale ressaltar que boa parte das lavouras implantadas nesse período apresenta irrigação complementar.

Em Goiás, as lavouras seguem seu desenvolvimento, apresentando boa sanidade. Algumas áreas semeadas mais cedo já apresentam plantas em fase de floração e até formação de vagens. Como boa parte das lavouras são manejadas em condição irrigada, a perspectiva é que os períodos de estiagem não reduzam tanto o rendimento da cultura.

Na região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo destinaram área para o plantio de feijão-comum cores nessa terceira safra. Ao todo, foram cerca de 84,1 mil hectares, distribuídos entre os dois estados, porém com concentração bem maior no primeiro. Assim, a estimativa aponta para 68,9 mil hectares semeados com a cultura em território mineiro, com previsão de produção de 174,8 mil toneladas.

Já em São Paulo, foram semeados cerca de 15,2 mil hectares, visto que tal cultivo é manejado em condição irrigada e apresenta, tradicionalmente, bons desempenhos quantitativos e qualitativos, especialmente por lançar mão de um manejo intenso no controle da mosca- branca, que é praga-chave para a cultura, além de ser vetor de doença importante (vírus do mosaico dourado).

Na região Sul, o único estado produtor nesse período é o Paraná, com uma pequena porção de área destinada à tal cultivo. Nesse ciclo, foram semeados cerca de 1,6 mil hectares, e a projeção inicial para o volume obtido é de 1,9 mil toneladas.



FEIJÃO-COMUM PRETO

A representação do feijão-comum preto na terceira safra é reduzida, com pequenas áreas plantadas em Minas Gerais (cerca de 200 hectares), Distrito Federal (cerca de 200 hectares), além de uma maior concentração em Pernambuco, que, até o momento, está estimada em 16,2 mil hectares. As lavouras estão sendo implantadas e ainda se encontram em fase de desenvolvimento. De modo geral, a projeção é que sejam produzidas 12 mil toneladas do grão nesse ciclo.

FEIJÃO-CAUPI

A terceira safra de feijão-caupi se concentra nas Regiões Norte e Nordeste, com maior destaque para o Pará, Pernambuco e Bahia. Atualmente, o plantio está em andamento e, ao todo, a projeção é que sejam destinados cerca de 62,9 mil hectares para o plantio da cultura nesse ciclo, representando redução de 2,2% em comparação à área semeada na temporada passada. Quanto à produção, a estimativa inicial é de 35,7 mil toneladas.



Foto 5 – Feijão em Campos Lindos - TO

Fonte: Conab.



Foto 6 – Feijão irrigado em Presidente Prudente -SP

Fonte: Conab.

Foto 7 – Feijão irrigado em Rancharia - SP



Fonte: Conab.



Foto 8 – Feijão Irrigado no Oeste de São Paulo

Fonte: Conab.



Foto 9 – Feijão preto em São Bento do Una - PE

Fonte: Conab.

Foto 10 – Feijão terceira safra em Cristalina - GO



Fonte: Conab.



Foto 11 – Lavoura de feijão em Pernambuco

Fonte: Conab.



MILHO

ÁREA

19.840,7 mil ha

7,1%

PRODUTIVIDADE

4.858 kg/ha

-12,3%

PRODUÇÃO

96.392,1 mil t

-6%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 10.602,4 mil t

PRODUÇÃO 96.392,1 mil t

IMPORTAÇÕES 1.000 mil t

109.294,5 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 72.149,9 mil t

EXPORTAÇÕES 35.000 mil t

107.149,9 mil t

Na consolidação das três safras, o cenário atual aponta para uma produção de 96,4 milhões de toneladas de milho, representando uma redução de 6% em relação ao alcançado na safra anterior.

Para o milho primeira safra, havia 84% da área total colhida no final de maio, cujos trabalhos de colheita devem ser encerrados até o final do mês de junho. Para a cultura de segunda safra, as operações de colheita serão intensificadas a partir do mês de junho, e atualmente, a maioria das lavouras estão nos estádios fenológicos de floração e enchimento de grãos. Com relação ao milho terceira safra, a cultura ainda está sendo semeada nos diferentes estados produtores do país.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a companhia apresenta sua nova expectativa de produção de milho. É esperado uma produção total de 96,4 milhões de toneladas, ou seja, redução de 6% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante da espera de uma redução de 6,8% da produção de milho produzido durante a segunda safra e de 6,9% na terceira safra.



Para os dados de consumo doméstico, a Conab mantém sua projeção de 72,9 milhões de toneladas a serem consumidas, aumento de 6,2% ao observado na safra anterior.

Por outro lado, a Conab eleva sua projeção de importação para 2,3 milhões de tonelada. Este ajuste ocorre após constatação da elevação das importações de milho no primeiro semestre de 2021 em percentual superior à 60% ao observado no mesmo período de 2020, e expectativa de ampliação também no segundo semestre.

Em sentido oposto, a Conab reduz sua projeção de exportação de milho para 29,5 milhões de toneladas, a adequação ocorre diante da verificação do menor anseio dos trades em comercializar o grão para o mercado externo, posto que as cotações do cereal no mercado doméstico se apresentam mais remuneradoras na atual conjuntura.

Diante desses ajustes, o estoque final esperado ao fim do ano-safra 2020/21 é de 7,6 milhões de toneladas, redução de 27,4% em relação à safra anterior. Este novo arranjo é explicado, principalmente, pela redução da produção total de milho causada pelas adversidades climáticas ocorridas na safra em curso.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.397,1	56.319,1	18.847,3	5.231,4
2015/16	5.231,4	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,2
2016/17	15.876,2	80.709,5	900,7	99.203,1	59.162,0	23.742,2	14.582,1
2017/18	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4
2018/19	10.189,4	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,4
2019/20	10.602,4	106.413,5	1.000,0	118.015,9	72.149,9	35.000,0	10.866,0
2020/21	Mai/21	10.602,4	106.413,5	1.000,0	118.015,9	72.149,9	10.866,0
	Jun/21	10.602,4	96.392,1	2.300,0	109.294,5	72.149,9	7.644,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2021.

Estoque de Passagem: 31 de Janeiro.



AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

O atraso das chuvas interferiu no planejamento da produção das lavouras do milho primeira safra, ocorrendo mudanças para a soja como também a decisão de transferir o plantio do cereal para o período da segunda safra. Mesmo assim, a área plantada, em linha com uma tendência já observada nas últimas temporadas apresentou crescimento de 3% em relação à safra passada, atingindo 4.364,6 mil hectares. Esse fato, no entanto, não foi suficiente para compensar os efeitos do clima, com a produção apresentando forte redução, atingindo 24.717,6 mil toneladas, queda de 3,8% em comparação ao volume produzido no período 2019/20.

Na Região Norte/Nordeste houve incremento na área plantada de 6,9%, estimada em 1.417,4 mil hectares. A produção registrou incremento de 2% em relação ao período anterior, atingindo 6.065,6 mil toneladas.

Em Tocantins, o cereal encontra-se totalmente colhido, com exceção do município de Dianópolis, que iniciou a colheita em maio. As demais regiões não têm tradição no cultivo do milho segunda safra. A produtividade para a cultura atingiu 4.529 kg/ha, redução de 26,4% se comparada à safra anterior, em razão das restrições climáticas.

No Piauí, o plantio ocorreu no início de dezembro na região sudoeste piauiense e foi encerrado no final de janeiro, na região norte. Em geral, as lavouras apresentam-se em boas condições. A cultura se encontra com cerca de 75% no estágio de maturação, e a colheita atingiu 25% da área plantada. As lavouras com estágio de desenvolvimento mais avançado



situam-se no sudoeste piauiense, onde o plantio ocorre primeiro.

Na Bahia, as lavouras no extremo-oeste estão em fase de maturação e colheita. Estima-se que 11% da área sejam cultivadas por pequenos produtores. As demais se encontram exploradas por grandes e médios produtores, com produtividades obtidas em torno 10.800 kg/ha. A colheita deve se prolongar até o fim de junho e os grãos apresentam-se com ótima qualidade. A produção abastece o mercado atacadista e pecuário da Bahia e dos demais estados da Região Nordeste, além da exportação de alguns lotes. No centro-norte, as áreas implantadas em novembro sequer formaram espigas, e parte das áreas semeadas em janeiro tiveram a fase de enchimento dos grãos comprometido com a estiagem entre abril e maio. Diante disso, a expectativa de repetir os números de produção alcançados em 2020 foi frustrada, uma vez que muitas lavouras também foram utilizadas para silagem, já que a produção seria muito baixa ou nula. No centro-sul, as perdas estão em torno de 80% da expectativa inicial de produção. A irregularidade do clima na região não permitiu que as lavouras desenvolvessem satisfatoriamente, nem mesmo alcançando a fase de emissão do pendão. Ainda que o preço do grão estivesse atrativo para o agricultor, a maior parte destes não arriscou realizar o replantio das áreas.

No Maranhão, no período de abril a maio, parte das lavouras da primeira safra foi colhida pela agricultura familiar para consumo e comercialização do produto como milho verde, ou seja, na forma de espigas. Os grãos secos estão sendo colhidos nas regiões sul, oeste e centro. No geral, a colheita da primeira safra de milho atinge, no momento, cerca de 52% da área total. A colheita terá maior intensidade em junho e julho, uma vez que a maior parte dos produtores deixa os grãos secarem nas lavouras.



Em Goiás, a colheita atingiu 95%, com rendimentos variando entre 8.500 e 12.000 kg/ha. A colheita do milho foi finalizada na região sudoeste, tendo sido favorecida pelos dias de estiagem ocorridos em maio. Segundo os relatos obtidos durante o levantamento, a qualidade dos grãos colhidos apresenta-se boa. Algumas áreas de milho verão receberam feijão de segunda safra (principalmente o caupi). Algumas lavouras remanescentes ainda estão no campo e devem ser colhidas no início deste mês.

Em Santa Catarina, apesar do aumento de 3% na área explorada, a produção de 1.980,4 mil hectares foi 28,8% menor que o da safra anterior. A produtividade obtida foi de 5.722 kg/ha, 30,8% menor que a safra passada, quando se obteve 8.273 kg/ha. Muito embora os preços ao produtor estejam atrativos, o baixo desempenho das lavouras tem preocupado os produtores, estimando-se redução na intenção de plantio da próxima safra.

No Rio Grande do Sul, a colheita do milho, após o encerramento da soja, foi retomada com maior velocidade e chegou a 95% da área total, ante 81% registrado no mês anterior. Faltam ser colhidas cerca 5% da área no Planalto Superior, 15% na região Central e 35% no Sul, lavouras de milho cultivado após as de fumo, principalmente. O clima influenciou de maneira muito diferenciada as lavouras do estado, afetando fortemente aquelas semeadas no final do inverno passado, causando perdas que ultrapassaram 60% da expectativa inicial, na Fronteira Oeste, Missões e Alto Uruguai, com redução dessas perdas na medida em que a semeadura era realizada mais tardiamente. Com essa constatação, a produtividade média foi ajustada para cima, passando a 5.476 kg/ha, 1% maior que o apurado no levantamento anterior e 10,1% acima da safra passada. Ainda assim, comparado às melhores safras já verificadas no estado, a redução foi significativa.



QUADRO 5 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Leste Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Central Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
SC	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Serrana		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			

continua



UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência.

Fonte: Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA – 2020/21

A segunda safra de milho 2020/21, avaliada neste levantamento, ficará substancialmente abaixo dos níveis projetados para o mês anterior em razão das condições de seca verificadas nos principais estados produtores, apontadas como o principal motivo para os cortes realizados. No sul do país, massas de ar frio ganharam intensidade nas últimas semanas, contribuindo também para afetar a produção, sendo ainda imprecisos os elementos para dimensionar os impactos nas lavouras. É importante lembrar que o frio é uma das preocupações para a segunda safra deste ano. Com o plantio tardio, também consequência da irregularidade climática, o risco de geada aumentou de forma significativa e pode impactar ainda mais os números. O panorama negativo ocorre mesmo com o aumento de 8,4% na área plantada, estimada em 14.905,8 mil hectares, em razão das condições adversas que derrubaram as perspectivas de rendimento, figurando atualmente na média de 4.693 kg/ha, ante 5.456 kg/ha na temporada passada. A produção esperada é de 69.957 mil toneladas, representando redução de 6,8%, comparada a safra passada.

Na Região Norte/Nordeste, o estímulo proporcionado pelas cotações impulsionou fortemente o plantio, com a área atingindo 1.693,5 mil



hectares, aumento de 7,8% em relação ao exercício passado. O atraso ocorrido na semeadura acentuou o receio de comprometimento nas produtividades das lavouras, fato que efetivamente ocorreu com a produção estimada agora em 4.513,4 mil toneladas, redução de 0,5% frente à temporada passada.

No Pará, a colheita do milho está iniciando. Encontra-se atrasada pela instabilidade climática e também pela alteração na janela de plantio que tem como principais produtores, os municípios de Santana do Araguaia e Santa Maria das Barreiras, com 55.000 e 30.000 hectares cultivados, respectivamente. A queixa dos produtores para esta safra recai sobre as chuvas que não vieram no início da janela de plantio e permaneceram mais ou menos intensas no momento da colheita, provocando comprometimento na qualidade dos grãos.

No Maranhão, mesmo com o atraso da colheita da soja, o excesso de chuvas contribuiu para que em maio as lavouras apresentassem bom desenvolvimento vegetativo. Atualmente se encontram na fase de enchimento de grãos. A previsão é de que a colheita se dará a partir de julho. Mesmo com a semeadura tardia, estima-se que a área plantada atinja 200,8 mil hectares, 10,1% maior que a área da safra anterior. A produtividade média esperada está em torno de 5.205 kg/ha, redução de 2,9% em relação à safra anterior, em razão da escassez de chuvas desde abril, na região.

No Piauí, o plantio teve início no segundo decêndio de fevereiro e finalizou na segunda quinzena de março. A cultura se encontra com 70% em enchimento de grãos e 30% em maturação. Nesta safra houve relatos de dificuldades no plantio devido ao excesso de umidade. Até o momento, registra-se uma área plantada de 92,3 mil hectares, 187,4% superior à



área passada. Este aumento significativo se justifica pela ocorrência do plantio dentro da janela ideal. São consideradas em boas condições 47% das lavouras, 50% em condições regulares e 3% ruins. As chuvas ocorridas em maio foram irregulares e de baixa intensidade. Embora a maior parte da cultura já esteja em fase avançada de desenvolvimento reprodutivo, algumas áreas ainda têm capacidade de reagir fisiologicamente caso ocorram chuvas nos primeiros dias de junho, possibilitando assim, a recuperação nos níveis de produtividade.

Em Tocantins as lavouras estão na fase de maturação, e já sentem os efeitos prolongados do veranico. Este ano-safra foi afetado pelas condições climáticas desfavoráveis, e cerca de 75% das áreas foram semeadas após o primeiro decêndio de março, data considerada limite para o plantio na janela ideal. Aguarda-se uma redução da produtividade nas diferentes regiões produtoras, motivadas principalmente pelo menor volume de chuvas ocorrido nas fases críticas da cultura (floração e enchimento de grãos). Constatou-se em algumas regiões produtoras o ataque de cigarrinhas e pulgões, e acredita-se que estas infestações também podem contribuir para a redução na produtividade.

Em Rondônia, as fases das lavouras de milho segunda safra, apresentam-se da seguinte maneira: 35% em floração, 55% em enchimento de grãos e 10% em maturação. A lavoura implantada se encontra em boas condições, uma vez que as chuvas no fim de janeiro e fevereiro cobriram toda a região produtiva.

Na Região Centro-Sul, estimulados pelas cotações e também pela ampliação dos prazos de plantio, determinado pelo zoneamento agrícola em alguns estados, a área plantada atingiu 13.212,3 mil hectares, incremento de 8,4% sobre o exercício anterior. A expectativa de produção



sofreu forte revés numa aposta contra o clima, estimado agora em 65.443,6 mil toneladas, redução de 7,2% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, o quadro para o milho é bastante heterogêneo. Enquanto as áreas semeadas dentro da janela ideal de plantio apresentam excelente desenvolvimento e boa projeção de produtividade, as lavouras implantadas fora do prazo apresentam condições variáveis, que abrangem de regulares a ruins, podendo-se afirmar que haverá redução na produtividade média. A escassez sazonal de chuvas afetou especialmente nas fases de floração e enchimento de grãos, entre abril e maio, fato que provocará redução no potencial produtivo. A colheita já teve início e se restringe a áreas irrigadas, contabilizando menos de 1% da área estadual, estimando-se que deverá se intensificar a partir de meados de junho. Projeta-se rendimento médio de 5.790 kg/ha, 9,4% inferior ao registrado na safra passada, de 6.392 kg/ha.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras de milho foram afetadas pelo longo período de estiagem, que durou mais de 70 dias em algumas regiões produtoras. Somente os municípios que fazem divisa com o Paraguai, que representam aproximadamente 15% da área cultivada, foram menos afetados, alguns praticamente sem perdas produtivas, pois receberam precipitações razoáveis durante os últimos dois meses em decorrência de frentes frias que não avançaram para o restante do estado. Muitos produtores reduziram investimentos em lavouras prejudicadas, como a desistência de aplicações de fungicidas e de inseticidas em áreas comprometidas. Para completar o quadro, com o retorno das chuvas nos últimos dias de maio, ocorreram ventanias provocando o tombamento de lavouras nas regiões norte e nordeste estadual e chuvas de granizo no município de Naviraí. Existe indefinição acerca da capacidade produtiva de



aproximadamente 15% da área estadual, que foi semeada tardiamente. As plantas apresentam porte reduzido, mas não iniciaram a fase reprodutiva e assim, com o retorno da umidade no solo, poderão apresentar espigas com maior potencial do que lavouras mais avançadas.

Em Goiás, as lavouras se encontram numa condição de forte estresse hídrico. Existem diferentes estágios de desenvolvimento, desde vegetativa até enchimento de grãos. Formação e enchimento de grãos é a fase predominante, portanto, a queda de produtividade já é um fator concreto. Na região leste do estado foi observada a decisão de plantar milheto e capim braquiária como cobertura ou pousio, em razão da perda da janela ideal de milho e também do sorgo, em face do atraso na colheita da soja. Foram identificadas áreas com altitudes elevadas, produzindo trigo de sequeiro em detrimento do plantio de milho. Estima-se que cerca de 45% das lavouras foram plantadas fora da janela ideal, incentivado pelas altas cotações do cereal no mercado. Em razão da escassez de chuvas entre abril e maio, os produtores passaram a evitar gastos com insumos no decorrer do cultivo, como adubação de cobertura e uso de defensivos, favorecendo ainda mais a expectativa de quebra em razão de a cultura ser extremamente dependente de água e adubação. Os longos períodos de estiagem causaram a antecipação dos ciclos nas lavouras. Em muitas regiões do sudoeste goiano, nota-se o milho pendoando ou em maturação, estandes com pouco mais de 1 metro de altura e má formação de espigas, seja pela polinização inadequada, causada pela morte prematura do grão de pólen, seja por falta de água durante as fases reprodutivas. Por outro lado, o plantio de híbridos mais resistentes a restrições hídricas e a utilização de tratamentos com base em produtos biológicos que favorecem um melhor enraizamento do milho, aliados a boas práticas culturais, têm possibilitado que parte dos produtores tenham expectativas de boas produtividades.



Minas Gerais, em razão do atraso na colheita da soja, a janela de plantio para o milho ficou muito estreita, fazendo com que os produtores alterassem a disposição inicial, transferindo o plantio para outras lavouras como sorgo, feijão e girassol. Com efeito, o atraso no plantio e a escassez das chuvas em fases cruciais para a lavoura, reduziram a produtividade estimada para 5.200 kg/ha, representando queda de 17,8% em relação aos níveis da safra passada.

Em São Paulo, mesmo com chuvas regulares desde dezembro, as lavouras plantadas entre o final de fevereiro e meados de abril sofreram intensamente com a falta de chuvas, apresentando estimativas de perdas expressivas relatadas pelos informantes. Para o início de junho, há previsão de ocorrerem chuvas mais intensas nas regiões sul e leste do estado.

No Paraná, o cultivo foi severamente prejudicado pela falta de chuvas ocorridas em março e abril, na maioria das regiões. O atraso na semeadura provocou falhas no estande final de plantas e baixo desenvolvimento vegetativo, ocasionando comprometimento do potencial produtivo. Em todas as regiões produtoras há perspectiva de redução na produtividade. As poucas chuvas que ocorreram durante maio foram acompanhadas por ventos fortes, ocasionando o acamamento em algumas lavouras. Na última semana geou em diversas localidades, prejudicando ainda mais a cultura. Há relatos que algumas lavouras, severamente danificadas, serão destinadas à silagem. Como se não bastasse, algumas lavouras foram acometidas pelo enfezamento, na sua maioria transmitida pela cigarrinha do milho.



QUADRO 6 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021									
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RO	Leste Rondoniense - RO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
TO	Oriental do Tocantins - TO		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - MA		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	C		
CE	Noroeste Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Norte Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Jaguaribe		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste Potiguar		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
RN	Agreste Potiguar			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PB	Sertão Paraibano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PE	Sertão Pernambucano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Nordeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sul Goiano - GO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
SP	Assis - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Itapetininga - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Noroeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
PR	Norte Central Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência.

Fonte: Conab.



MILHO TERCEIRA SAFRA – 2019/20 E INTENÇÃO DE PLANTIO PARA A TEMPORADA 2020/21

A terceira safra de milho na região do Sealba, Amapá e Roraima, que já teve o plantio iniciado, contará com uma área de 570,3 mil hectares, correspondendo a um incremento de 6,5% sobre o observado na safra passada. O incentivo na produção de grãos, particularmente no Sealba, tem recebido destaque por parte das secretarias de agricultura locais, transformando a monocultura predominante da cana-de-açúcar em diversidade de plantio, com mais opções de rentabilidade. Locais onde a cana-de-açúcar predominava, contam hoje com plantações de milho, soja, feijão, sorgo, entre outros. Os produtores de grãos vêm apostando de forma gradativa na ampliação de suas áreas impulsionadas pela crescente demanda e no suporte dado pelo mercado. Além disso, as regiões produtoras estão localizadas de maneira estratégica para a comercialização dos grãos, já que estão próximas do Ceará e Pernambuco, principais consumidores regionais de soja e milho. Os produtores estão com expectativas bastante positivas para a presente safra, apostando em novas tecnologias e manejos diferenciados, tendo em vista as experiências colhidas nos últimos anos. Vale destacar também a chegada de agricultores de outras regiões do país, com novas tecnologias, que têm estimulado o aumento da área plantada bem como da produtividade, incentivando os produtores locais a abandonar a monocultura da cana-de-açúcar. Os números relacionados à produtividade regional estão sujeitos à alta variabilidade espaço-temporal, representado pela condição das chuvas e da recorrência de extremos climáticos, que acarretam produtividades bastante inferiores, se compararmos com os estados que concentram a maior parte da produção brasileira.

Na Bahia, mais precisamente na região nordeste do estado, o plantio foi



iniciado em abril e se estenderá até junho, sendo registrada expansão agrícola nos municípios de Sático Dias e Olindina, sobre áreas nativas e de pastagens. As lavouras seguem em fase de desenvolvimento vegetativo. Os produtores seguem com expectativas de ótimas cotações para o milho, mas, ao mesmo tempo, apreensivos quanto à possibilidade de veranicos em junho e julho.

Em Pernambuco, o milho é semeado na mesorregião do agreste, normalmente, entre abril e junho. No geral, o comportamento das chuvas neste início de safra tem ocorrido dentro da normalidade, estimando-se que a área tenha sido totalmente semeada. A cultura se encontra em fase de pleno desenvolvimento vegetativo, com algumas áreas já registrando déficit hídrico, podendo implicar em futuras perdas de produtividade. Dada a crescente necessidade pelo produto na região, bem como a valorização do cereal, alguns produtores se organizaram e vêm investindo no amplo emprego de tecnologia nas lavouras, com utilização de variedades híbridas e mais produtivas, além do plantio, tratos culturais e colheitas mecanizadas. Esse projeto denominado de Grãos Pernambuco, está sendo desenvolvido pela Associação Avícola de Pernambuco (Avipe), com o apoio da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco, Mapa e Banco do Nordeste.

Em Alagoas, os produtores do grão estão em fase de finalização do plantio e bastante otimistas, tendo em vista as condições climáticas favoráveis e o mercado em alta. Em linhas gerais, espera-se uma área produtiva de 40.500 hectares, estimando-se que estes números poderão sofrer incrementos no próximo levantamento. A expectativa positiva está relacionada ao uso de novas técnicas, bem como a maior adaptação do solo a cada ciclo produtivo, nas diversas regiões do estado. O cultivo em



Alagoas faz parte do calendário de segunda safra, e deve ser semeado no outono-inverno, entre abril e julho, para ser colhido entre agosto e dezembro. Outro aspecto que merece destaque é que a produção estadual não supre a demanda local.

Em Sergipe, com o início das chuvas mais volumosas no final de abril, os produtores iniciaram o preparo das terras e o plantio. Em maio, as chuvas continuaram regulares, e o plantio se intensificou, com previsão de que 85% da semeadura tenha sido realizada. Ainda de acordo com os relatos, nesta safra observaram-se algumas microrregiões com incidência de poucas chuvas, enquanto em outras, produtores aguardaram a redução nos volumes precipitados para iniciarem o preparo das terras e início do plantio. No geral, as informações dão conta que o plantio está ocorrendo sem intercorrências, e a previsão é de encerramento entre 10 e 15 de junho. A previsão é de aumento na área, estimulado pelos elevados preços do milho, bem como pelas boas condições climáticas observadas na safra anterior, que esperam se repitam, resultando em rendimentos recordes e ganhos consideráveis na comercialização.

Em Roraima, a estimativa do plantio para a safra 2020/21 permanece em torno de 15 mil hectares, com produtividade esperada de 6.000 kg/ha. O plantio segue de forma espaçada, tendo sido iniciado em maio e deve seguir durante junho, com alguns produtores já tendo finalizado esse processo.

Nesta temporada, o impacto causado, até o momento, pelo clima, nas diversas safras brasileiras de milho, provocou uma redução na produção nacional de 6,2 milhões de toneladas em relação à safra passada, totalizando 96.392,1 mil toneladas. .



Foto 12 – Lavoura de milho em Paripiranga - BA

Fonte: Conab.

Foto 13 –Milho irrigado em Rancharia - Oeste de SP



Fonte: Conab.



Foto 14– Lavoura de milho em PE

Fonte: Conab.

Foto 15 - Milho segunda safra em Campos Lindos - TO



Fonte: Conab.



Foto 16 – Milho em Garanhuns - PE

Fonte: Conab.

Foto 17 – Milho segunda safra sob estresse hídrico em Cambé - PR



Fonte: Conab.



Foto 18 – Milho primeira safra em processo de colheita - Uruçuí - PI

Fonte: Conab.



Foto 19 – Milho segunda safra sob estresse hídrico em Indiara - GO



Fonte: Conab.

Foto 20 – Plantio de milho convencional em Calçado – PE



Fonte: Conab.

Foto 21 – Plantio de milho em Paripiranga - BA



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).

**SOJA****ÁREA**38.508,7 mil ha
4,2%**PRODUTIVIDADE**3.528 kg/ha
4,4%**PRODUÇÃO**135.861 mil t
8,8%Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

A área plantada de soja, no período 2020/21, apresentou crescimento de 4,2% em comparação à safra anterior, atingindo 38,5 milhões de hectares. Apesar dos problemas com o clima, especialmente na colheita que afetou a qualidade de alguns lotes, a produtividade alcançada registrou incremento de 4,4% em relação ao exercício passado. Com isso, mais uma vez foi atingida produção recorde de 135,9 milhões de toneladas, representando incremento de 8,8% em comparação à safra passada e de 452,2 mil toneladas em relação ao levantamento anterior.

OFERTA E DEMANDA**MERCADO INTERNACIONAL**

Em um mês de grandes oscilações, o preço médio (spot) da soja na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) de maio de 21 foi calculado em UScents 1.503/bu, este valor é 2,76% superior à média de abril de 2021 e 78,64% superior ao observado em maio de 2020.

Maio começou com a cotação no valor de UScents 1.560,20/bu e nos dias que antecederam a divulgação do primeiro quadro de oferta e demanda de soja para safra 2021/22 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, os preços começaram a subir, chegando a ser cotado a UScents 1.660,40/bu, a maior cotação em Chicago desde setembro de 2012, quando houve quebra



de safra nos Estados Unidos, Brasil e Argentina. Todavia, com o relatório sem nenhuma novidade diante do esperado pelo mercado, os preços CBOT voltaram a baixar com uma perda de UScents 100/bu em apenas 11 dias, chegando a UScents 1.503/bu. Compete destacar que também contribuiu para a queda dos preços internacionais, as chuvas no meio oeste dos Estados Unidos e o plantio de soja adiantado, não havendo qualquer problema que pudesse estimular uma perda de produtividade.

Por outro lado, os baixos estoques americanos e novas especulações sobre uma possível seca e perda de umidade no solo do norte do cinturão americano, motivaram uma nova alta nos preços internacionais, dessa maneira, ao final de maio, a cotação da soja chegou a UScents 1.530/bu. Outro motivo relevante no aumento do preço de soja em grão em maio foi a alta dos preços internacionais de óleo de soja. Em um ano de forte demanda e oferta apertada, os preços internacionais de óleo de soja continuam bastante aquecidos, influenciando na elevação nos preços do grão. Contribuiu também para alta dos preços de óleo e consequente aumento dos preços do grão, o consumo de óleo de soja para produção de biodiesel nos Estados Unidos.

Os preços do óleo de soja em Chicago tiveram os preços médios no valor de UScents 67,04/lb em maio de 2021, enquanto em abril esta média foi de UScents 57,46/lb e em maio de 2020 a média foi de apenas UScents 26,55/lb. Para junho, os preços internacionais deverão continuar sob a influência altista principalmente destes três fundamentos de mercado: baixa oferta e forte demanda mundial, mercado climático e preços de óleo de soja.



MERCADO NACIONAL

PREÇOS

Apesar dos prêmios negativos nos principais portos brasileiros e com o dólar com uma variação negativa de quase 5% entre abril e maio, os preços internacionais deram sustentação aos preços internos que, em média, alcançaram uma alta de 1,18%, passando de R\$ 161,41 a saca de 60 quilos em abril de 2021, para R\$ 163,33 a saca de 60 quilos em maio de 2021.

No final de maio de 2021 os preços nacionais perderam um pouco de “fôlego” e tiveram pequenas perdas, e para junho de 2021, os preços no Brasil devem continuar a flutuar sobre o tripé de paridade (CBOT, prêmio de porto e dólar) assim:

- a) Os preços internacionais devem continuar em alta;
- b) Os prêmios devem continuar baixos, mas com uma tendência a ficar positivo;
- c) O dólar deve prosseguir em baixa caso a economia nacional continuar com os números positivos de maio, também se não houver nenhuma novidade econômica mundial, principalmente nos Estados Unidos e China, finalmente outro motivo que pode afetar a variação cambial é a terceira onda de Covid-19 no mundo.



OFERTA E DEMANDA

Com a colheita finalizada, a Conab estima que a produção de soja para a safra 2020/21 seja de 135,86 milhões de toneladas, um aumento de 8,8% em relação à safra anterior, que foi de 124,85 milhões de hectares. Esse aumento de produção é motivado por um aumento de área de aproximadamente 4,2% e produtividade de 4,4%. O aumento de área foi incentivado principalmente pela alta dos preços internacionais, aliado ao dólar elevado de 2020, mas também impulsionaram este aumento de área na safra 2020/21 a expectativa do crescimento da demanda interna e exportadora para 2021.

A demanda interna total (esmagamentos, sementes e perdas) está estimada em 50,24 milhões de toneladas, com uma redução de aproximadamente 200 mil toneladas em relação ao último relatório, motivada pela dedução de estimativa de consumo de óleo de soja, que, por sua vez, foi movido pela redução do percentual de biodiesel de B13 para B10 em maio e junho de 2021. Todavia, parte da perda de consumo de óleo de soja, que seria usado para a produção de biodiesel, deve ser transferido para exportação, já que há uma forte demanda internacional e que há problemas de safra de grãos na Argentina, grande exportador de óleo de soja mundial. Por isso, a demanda por óleo de soja (consumo e exportação) pode ficar entre 9,9 milhões de toneladas e 10,3 milhões de toneladas - dependente do número exportado - enquanto, em 2020, esse número foi estimado em 9,6 milhões de toneladas.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de soja para maio foram estimadas em 16,4 milhões de toneladas. Esse número é 16,26% maior que o exportado em maio de 2020. Com isso, as exportações brasileiras de soja, em 2021, somam aproximadamente 48,31 milhões de toneladas, 4,93% superior ao exportado de janeiro a maio de 2020.



Em 2021, é esperado uma exportação próxima de 86,65 milhões de toneladas. Houve um ajuste estatístico de aproximadamente 770 mil toneladas em relação ao divulgado no relatório de maio, motivado pelas fortes exportações dos cinco primeiros meses de 2021.

O estoque de passagem de soja em grãos, da safra 2020/21, deverá ser de aproximadamente 3,14 milhões de toneladas.

ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio regional atingiu 5.856,3 mil hectares, 7,1% de incremento em relação à área da safra anterior. Mesmo com as dificuldades apresentadas pelo clima, não houve comprometimento nos níveis de produtividade média, e a produção atingiu 20.190,2 mil toneladas, representando incremento de 7,8% em relação ao exercício anterior.

Em Rondônia ocorreu aumento na área plantada de 13,8% em relação ao levantamento anterior, saindo de 348,4 mil hectares para 396,5 mil. Essa variação foi justificada pelo aumento dos cultivos da segunda safra de soja. Com o preço elevado da soja e o ciclo produtivo mais curto, o produtor ao utilizar cultivares/variedades precoces, optou por aumentar a área cultivada de soja segunda safra. A semeadura iniciou em janeiro, quando os primeiros talhões da soja de primeira safra foram colhidos, estendendo-se até a primeira quinzena de março. A primeira safra foi totalmente colhida e a segunda, cerca de 5% se encontra na fase de enchimento de grãos, 90% em maturação e 5% já colhida.



Em Tocantins, a produtividade das lavouras situou-se em 3.176 kg/ha, causado pelo veranico durante as fases críticas da lavoura (floração e enchimento de grãos) e também o excesso de chuvas durante o início da colheita. Mesmo com o aumento de 0,9% na área semeada, a produção foi reduzida em 3,5%, em comparação à safra anterior.

No Piauí, o plantio da soja iniciou na segunda quinzena de outubro e encerrou com os replantios na primeira semana de janeiro. Houve um expressivo aumento de área na safra atual, atingindo 834,8 mil hectares, expansão de 10% em relação à safra passada. Parte desse aumento veio da migração de áreas de algodão e milho primeira safra e devido à abertura de novas áreas, principalmente no sudoeste do estado. Lavouras mantiveram-se em boas condições na sua quase totalidade durante todo o ciclo. A colheita foi encerrada com uma produção de 2.742,3 mil toneladas, acréscimo de 7% em relação à safra passada.

No Maranhão, as lavouras terão a colheita finalizada em meados de junho. Na microrregião de Chapadinha, no leste do estado, as lavouras implantadas do final de dezembro a meados de fevereiro tiveram boas produtividades em razão do bom regime de chuvas. Na região do Alto Parnaíba Maranhense houve dificuldades na implantação inicial da lavoura devido à estiagem entre janeiro e início de fevereiro. Apesar do baixo volume de chuvas, as lavouras apresentaram-se em bom estado. A área plantada atingiu 1.005,7 mil hectares, representando incremento de 3% em relação ao exercício passado. A produção está estimada em 3.280,6 mil toneladas, crescimento de 4,8% se comparada com a safra passada.

Na Bahia, no extremo-oeste, principal região produtora, observou-se o crescimento da área cultivada, estimulada pela redução no cultivo



do algodão e pela alta nos preços da oleaginosa, motivada pelo dólar e aumento da demanda internacional. Apesar da ocorrência de veranico durante janeiro, em fevereiro e março foram registrados bons índices pluviométricos, exatamente no momento em que as lavouras de sequeiro estavam na fase de floração e enchimento de grãos. Esse fator contribuiu para que a produtividade média fosse estimada em 4.020 kg/ha, recorde estadual. A colheita finalizada permitiu que se constatasse a produção recorde de 6.838 mil toneladas, representando crescimento de 11,7% em relação ao período anterior.

REGIÃO CENTRO-OESTE

A região foi bastante afetada pela instabilidade do clima, particularmente no momento da colheita, sem, no entanto, comprometer o histórico desempenho regional. Houve incremento de 3,5% na área plantada, totalizando 17,2 milhões de hectares, com uma produção de 61.321,7 mil toneladas, representando aumento de 1% em relação ao exercício passado.

Em Mato Grosso, com a colheita encerrada desde abril, o balanço que se faz do desempenho da lavoura é positivo, a despeito da redução na produtividade em 2,8%, quando se compara com o exercício passado. O aumento de 2,9% observado na área plantada, aliado aos elevados investimentos aplicados à cultura, mitigaram os impactos das adversidades climáticas registradas ao longo do ciclo, tanto pela falta e atraso inicial das chuvas quanto pelo excesso no momento da colheita, proporcionaram desempenho próximo ao recorde, contabilizado no ciclo 2019/20 – 35.884,7 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, a colheita foi encerrada em abril, com muitas



lavouras sendo semeadas ou ressemeadas em dezembro devido ao atraso das chuvas. Como a maior parte dessas lavouras foi cultivada em solos arenosos e/ou de primeiro ano, apresentaram produtividades abaixo do esperado. No entanto, o forte aumento observado na área plantada – 4,4% - contribuiu para o aumento de 0,6% na produção estadual, que atingiu 11.431,2 mil toneladas.

Em Goiás, os relatos obtidos no atual levantamento consolidam o registro de produtividades idênticas à ocorrida na safra passada – 3.715 kg/ha. Com isso, o forte aumento observado na área plantada, redundou num forte aumento da produção em 13.723,2 mil toneladas, incremento de 4,3% em comparação com o exercício anterior, apresentando recordes em todos os níveis.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste o clima não interferiu no desempenho das lavouras, e a produção registrou forte impulso, atingindo 11.317,6 mil toneladas. Graças ao desempenho das lavouras de soja em São Paulo e Minas Gerais, a região apresentou nesta temporada recordes históricos de área, produtividade e produção.

Em São Paulo, as lavouras plantadas precocemente sofreram com a estiagem de outubro e novembro passado. Contudo, as chuvas regulares de dezembro e janeiro alteraram a situação das culturas que melhoraram sensivelmente, e esta temporada apontou para o estado recordes na área plantada, produtividade e produção da oleaginosa.



Em Minas Gerais, o clima causou alguns transtornos à evolução das lavouras, provocando redução de 1,3% na produtividade em relação ao exercício passado. Apesar deste quadro, o incremento recorde ocorrido na área plantada redundou também numa produção recorde de 7.021,7 mil toneladas, acréscimo de 13,8% em relação à safra passada.

REGIÃO SUL

Incremento observado na área plantada de 2,4% em relação ao exercício anterior, atingindo recorde regional de 12.375,3 mil hectares. Exceção feita ao ocorrido no Paraná, onde o clima afetou duramente as lavouras, o desempenho nos demais estados foi espetacular. A região apresentará produção recorde, esperando atingir 43.031,5 mil toneladas, representando incremento de 21,9% sobre o exercício passado.

No Paraná, as produtividades obtidas ficaram abaixo da expectativa inicial e também da safra anterior, 3.535 kg/ha, 9,9% abaixo do ocorrido na safra passada. Resumidamente, as primeiras lavouras de soja foram prejudicadas pelo excesso de chuva, logo em seguida, em fevereiro, as lavouras apresentaram boas performances, melhorando as produtividades, para em seguida, em março, voltarem a ser afetadas pela escassez de chuvas. O reflexo desse comportamento contribuiu para que a produção atingisse 19.880,1 mil toneladas, redução de 8% sobre o ocorrido na safra passada.

Em Santa Catarina, a safra de soja está encerrada. As produtividades recordes esperadas em janeiro e fevereiro foram alteradas devido à má distribuição das chuvas em março e abril. Ainda assim, espera-se uma produtividade de 3.395 kg/ha, valor 2,6% superior à da safra anterior. A produção deve alcançar 2.363,9 mil toneladas, 4,9% superior à safra passada e a segunda maior da



série histórica. Em termos de área, esta safra foi a maior já semeada, com 696,3 mil hectares, 2,3% maior que a safra anterior. Em virtude da quebra de produtividade do milho e dos bons preços da soja, espera-se, para a próxima safra, nova expansão na área cultivada com a oleaginosa.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de maio, com poucos episódios de chuva, permitiram o encerramento da colheita. Com o encerramento, confirmou-se a expectativa de safra acima da média dos últimos anos no estado. Com exceção da Fronteira Oeste e Missões, em que a semeadura foi realizada um pouco mais tarde pela falta de umidade no solo no período recomendado, que causou redução na produtividade para menos de 3.000 kg/ha, em todo o resto do estado, ela foi acima desse patamar. Até mesmo nas regiões mais incipientes no cultivo da soja, como na Campanha, Centro e Sul do estado, foi acima de 3.200 kg/ha. No Planalto Médio e Superior, regiões consolidadas no seu cultivo, a produtividade ultrapassou os 4.000 kg/ha em vários locais, estando sempre acima de 3.300 kg/ha de média. Já no Alto e Médio Uruguai foi registrado variação de 3.000 a 3.300 kg/ha. Dessa forma, o desempenho da lavoura de soja no estado, a exemplo do que ocorreu em várias unidades do país, apresentou nesta safra, recordes de área, produtividade e produção.



QUADRO 7 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica					
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
RO	Leste Rondoniense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piaulense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	S/E	E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PS	S/E	DV	F	EG/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



TRIGO

ÁREA

2.530,2 mil ha

8,1%

PRODUTIVIDADE

2.744 kg/ha

3,0%

PRODUÇÃO

6.942,1 mil t

11,3%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 113 mil t

PRODUÇÃO 6.942,1 mil t

IMPORTAÇÕES 6.400 mil t

13.455,1 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 12.123,1 mil t

EXPORTAÇÕES 600 mil t

12.723,1 mil t

O plantio começa a avançar por todas as regiões produtoras do país, inclusive na Região Sul, que é a de maior destaque em termos de destinação de área e em produção do cereal.

As condições climáticas estão irregulares, principalmente no que se refere às precipitações, porém a expectativa é de uma incidência mais regular das precipitações para garantir umidade adequada nos solos, viabilizando a germinação, emergência e desenvolvimento inicial das lavouras.

Ainda assim, a estimativa atual aponta para aumento de área plantada nesta safra em comparação a 2020 (incremento previsto de 8,1%), podendo chegar a mais de 2,5 milhões de hectares semeados.

OFERTA E DEMANDA

Em maio de 2021, o mercado doméstico alterou a tendência altista que vinha sendo observada e apresentou desvalorização em suas cotações. Com produtores atentos às condições climáticas, os trabalhos de semeadura



foram iniciados no Paraná no final de abril e no Rio Grande do Sul na segunda quinzena de maio, o início do mês foi marcado por falta de chuvas, o que acabou atrasando a semeadura. No entanto, no decorrer do mês, as condições melhoraram e houve significativo progresso no plantio, o Paraná apresentou até o dia 28 de maio 58% de área plantada, visto que, desse total, 92% das lavouras se encontravam em boas condições e 8% em médias condições. A média do Paraná foi cotada a R\$ 86,01 a saca de 60 quilos, apresentando desvalorização mensal de 3%.

Já no mercado internacional, apesar de fatores baixistas como a divulgação pelo Usda de aumento nos estoques finais dos Estados Unidos de trigo, da boa evolução da colheita norte-americana e da maior oferta global, além da queda nas cotações do milho, a média mensal de maio da cotação FOB Golfo foi de US\$ 297,55 a tonelada, apresentando valorização mensal de 2,1%.

Os dados preliminares do Ministério da Economia, referentes à Balança Comercial, apontam um volume de importações em maio de 2021 de 591 mil toneladas de trigo, 26,33% a mais que no mês anterior e 26,5% a mais que no mesmo período do ano passado. Esse aumento se deve à pouca oferta de trigo nacional e à recente queda cambial.

A Conab revisou os números referentes à produção da safra 2021/22, que passou de 6.639,5 mil toneladas para 6.942,1 mil toneladas, bem como o do consumo interno, no que se refere ao uso para sementes, pois houve aumento na estimativa de área a ser plantada.



TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.460,6	342,3	227,4
2020*	227,4	6.234,6	6.600,0	13.062,0	12.099,0	850,0	113,0
2021**	113,0	6.942,1	6.400,0	13.455,1	12.123,1	600,0	732,0

Legenda: (*) Estimativa

(**) Previsão

Fonte: Conab.

Nota: Estoque de Passagem - Milho: 31 de Julho.

ANÁLISE ESTADUAL

O local de grande destaque para as culturas de inverno no país, em especial à de trigo, é a Região Sul. Seu clima temperado favorece o desenvolvimento desses cereais e proporciona boa adaptabilidade a eles em relação aos seus centros de origem.

Nesta safra 2021, só para a triticultura, a perspectiva é que sejam destinados mais de 2,2 milhões de hectares na região, representando mais de 90% da área total prevista para todo o país.

O Paraná encabeça esse destaque, com expectativa de destinação de 1.169,3 mil hectares para semeadura de trigo nesta temporada (aumento de 4,6% na área cultivada em comparação à temporada anterior). As operações de plantio já estão avançadas no estado, chegando à metade da área prevista plantada ainda no fim de maio. As chuvas registradas na segunda quinzena de maio favoreceram a implantação de muitas lavouras, e a perspectiva é



que tais condições persistam por mais tempo para viabilizar a conclusão das operações e o desenvolvimento fisiológico da cultura.

No Rio Grande do Sul, a semeadura foi iniciada, chegando a 3% da área prevista até o fim de maio. Com o acúmulo de umidade no solo, em decorrência das chuvas registradas nos últimos dias, a semeadura deve se intensificar neste início de junho. Também, alguns produtores que semearam mais cedo na safra anterior e acabaram sendo prejudicados por uma geada tardia em agosto, optaram por retardar em alguns dias os processos nesta safra.

A grande valorização do produto, puxada pela escassez mundial de grãos (especialmente trigo e milho) verificada no último ano, deve elevar a área de cultivo do trigo nesta safra. Até o momento, tem-se praticamente consolidado 10% de aumento na área em comparação a 2020, atingindo 1.023,2 mil hectares, ultrapassando a marca de 1 milhão de hectares, que não era registrado desde 2014. Com a evolução da semeadura, esse número pode ser ainda maior.

Em Santa Catarina, o plantio foi iniciado, mas ainda de forma incipiente, como tradicionalmente ocorre nesse período. A previsão é que as operações se intensifiquem em junho e julho e que sejam semeados cerca de 84 mil hectares em todo estado. Tal estimativa representa um incremento de 37,5% na área plantada em comparação a 2020 e isso está muito atrelado aos bons preços pagos pelo cereal neste ano, além de políticas públicas de incentivo ao cultivo do trigo.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são tradicionais triticultores e continuarão a destinar uma importante porção de área para o plantio do cereal.



Em Minas Gerais, a previsão é que sejam destinados um pouco mais de 86 mil hectares à triticultura nesta temporada.

Em São Paulo, o plantio do trigo está em fase bastante avançada, tendo o ritmo das operações se intensificado em maio em virtude das melhores condições climáticas apresentadas, especialmente em relação às precipitações registradas, que favoreceram o acúmulo de umidade no solo e, por consequência, auxiliou no estabelecimento das lavouras. De modo geral, a expectativa é que sejam destinados cerca de 86 mil hectares para a triticultura paulista nesta temporada, com maior destaque para o cultivo nas regiões de Itapetininga, Itapeva e Avaré, tradicionais produtoras de trigo no estado.

Na Região Centro-Oeste, a evolução da semeadura já está bem adiantada, especialmente nas lavouras de trigo em sequeiro. Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal disporão de área para tal cultivo, devendo totalizar 78,6 mil hectares em toda a região. O primeiro estado é o de maior destaque no conglomerado, com estimativa de plantio na ordem de 56 mil hectares (com áreas manejadas tanto em sequeiro quanto com irrigação complementar). Vale ressaltar que boa parte dessa área prevista já está semeada e que a atenção maior, neste momento, é para as condições climáticas que estão irregulares, principalmente no aspecto das precipitações, e que podem impactar no desenvolvimento das lavouras, especialmente as de sequeiro.

Na Região Nordeste, há uma intenção de plantio na Bahia, com previsão de 3 mil hectares semeados a partir de junho, em condição irrigada.



QUADRO 8 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2020											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				S	E/DV	F	EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Serrana					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 22– Trigo irrigado em Cristalina -GO

Fonte: Conab.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Para a safra total do amendoim no período 2020/21, projeta-se um aumento de 3,1% na área plantada em relação ao ano anterior e uma produção de 597 mil toneladas, 7% maior que a safra passada.

Na Paraíba, as áreas que em anos anteriores ficaram em torno de 624 hectares, na safra atual apresenta o total de 724 hectares, com produtividade de 742 Kg/ha.

Em São Paulo, o amendoim primeira safra é cultivado como rotação às lavouras de cana-de-açúcar, assim, é importante que as cultivares sejam de ciclo compatível com a duração do período de rotação do canavial. Aproximadamente 80% das lavouras de amendoim em São Paulo são plantadas nos intervalos de renovação da cana-de-açúcar.

A palhada da cultura é rica em nitrogênio, fornecendo ao solo esse e outros nutrientes por meio da palhada, beneficiando a cultura da cana-de-açúcar. Também é bastante resistente às pragas, como os nematoides, ajudando a diminuir significativamente a infestação nas áreas onde é plantado.

O amendoim teve um atraso no plantio nesta safra 2020/21 em razão das poucas chuvas que ocorreram entre agosto e início de novembro de 2020. A colheita já foi finalizada, e a produtividade é em torno de 150 sacas, ou seja, 3.700 kg/ha, um pequeno aumento em relação à safra passada.



Com relação ao amendoim segunda safra, a expectativa de produção é menor, porque as condições de calor e umidade no solo não são favoráveis para a cultura.

O período mais adequado ao cultivo do amendoim segunda safra ocorre do final de fevereiro, após a colheita do amendoim das águas, até próximo do final de março. Não é recomendado o plantio fora deste período, dado aos riscos climáticos para a cultura.

Esta safra é responsável por aproximadamente 5% da produção total de amendoim em São Paulo, sendo cultivado predominantemente na alta paulista (Tupã e Herculândia), combinada com o processo de reforma de pastagens. Há uma estimativa de redução na produtividade em razão de poucas chuvas no decorrer do desenvolvimento.

QUADRO 9 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Trigo - Safra 2020						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



GERGELIM

Para esta safra, a estimativa total de gergelim é de uma área plantada de 161,1 mil hectares e produção de 111,1 mil toneladas.

Em Mato Grosso, com o plantio do gergelim finalizado em abril, o estágio predominante das lavouras, neste momento, é o de maturação, e a previsão é de início da colheita para a segunda quinzena de junho.

As perspectivas são de que melhores rendimentos sejam obtidos nesta safra, em comparação à última, sendo projetados em 693 kg/ha, ante 547 kg/ha no ciclo passado. Na safra passada, o resultado adverso foi causado por uma série de fatores, dentre os quais problemas com sementes e com o manejo da cultura.

Para este ciclo, o aprendizado com as dificuldades da safra anterior tende melhorar o desempenho médio em termos de rendimento, à medida que também ocorre um avanço no aprendizado referente a esta nova cultura em âmbito estadual. No entanto, destaca-se que ainda é cedo para se delimitar este indicador.

O cenário de adversidades mencionado acarretou uma leve redução na área plantada com a cultura para o ciclo atual, com plantio de 158,1 mil hectares, após declínio de 8,1% ante os 172 mil hectares plantados na safra passada, rompendo com forte tendência de ganho de área que vinha sendo registrado nos anos recentes.



GIRASSOL

A estimativa para a safra 2020/21 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 31,5 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem a uma redução de 33,1% na área.

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, o girassol foi implantado em março, e o estágio predominante, neste momento, é o de maturação. Estima-se que os trabalhos de colheita já se iniciem na primeira quinzena de junho, e a produtividade média é estimada em 1.500 kg/ha.

O preço pago ao produtor ao longo do de maio segue em alta para o produto convencional, bastante superior ao registrado na safra passada, mesmo assim, esse preço não encorajou a opção pela cultura em Mato Grosso.

A cultura do girassol tem perdido espaço especialmente para o milho na segunda safra e, no atual ciclo, apenas 8,5 mil hectares foram semeados no estado, com queda de 66,3% em relação aos 25,2 mil hectares plantados na última safra.

Em Goiás, devido atraso de calendário da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), que estendeu o prazo de colheita para julho.

A cultura se encontra na fase de floração e polinização para formação de grãos no capítulo.



A cultura no estado atualmente sofre com estresse hídrico mesmo com boa profundidade do sistema radicular. Os capítulos das flores estão com tamanhos reduzidos, provavelmente vão produzir poucos grãos e leves, diminuindo drasticamente a produtividade.

As regiões produtoras estão situadas próximas à principal indústria compradora no sul do estado. No sudoeste goiano algumas áreas deixaram de serem semeadas em razão do atraso da colheita da soja, tornando-se um risco o plantio dentro de uma janela ideal (até 15 de março).

O produto tem destinação para fabricação de óleo e para ração de animais, e estima-se que 90% da produção esteja comercializada. As cultivares plantadas possuem um desenvolvimento radicular profundo, portanto mais adaptadas às condições adversas.

O início da colheita do girassol está previsto para o início julho, uma vez que poderá ser finalizado até o dia 25 deste mês em virtude da ampliação desse prazo estabelecido pela IN no 3/2021 da Agrodefesa.

Em Minas Gerais, a maior contratante junto aos produtores mineiros já relatou que tem interesse de trabalhar no mercado mineiro novamente. Há indícios de uma maior contratação, e já neste levantamento uma pequena área sinaliza o retorno do plantio na cidade de Tupaciguara.

No Distrito Federal, a cultura se encontra em crescimento vegetativo, com área registrada neste levantamento em 700 hectares, a expectativa de produtividade média é de 2.260 kg/ha, configurando, portanto, uma produção de 1,6 mil toneladas. A produção local é destinada totalmente ao comércio local, onde é vendida no varejo para alimentação de aves.

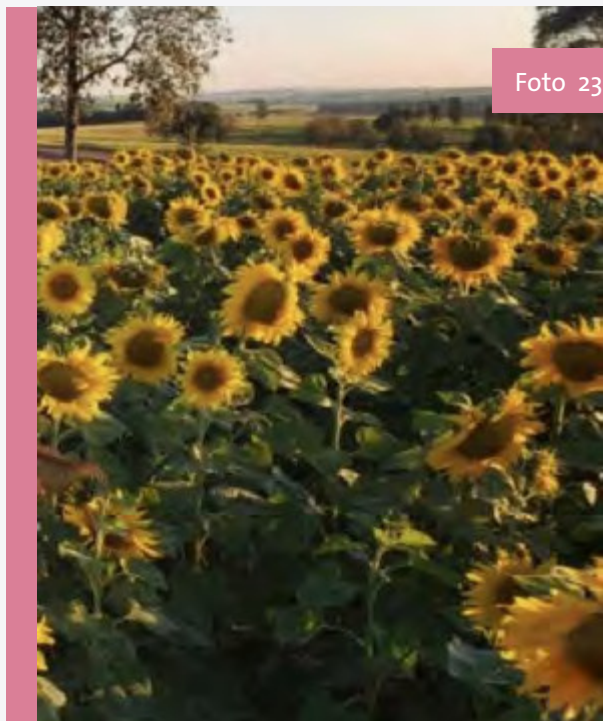


Foto 23 – Lavoura de girassol em Moreira Sales -PR

Fonte: Conab.

MAMONA

A estimativa para a safra 2020/21 é de incremento na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 47,4 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem a aumento de 4,2% na área.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se um incremento de área para o Nordeste em 4,6%, porém uma redução na produção de cerca de 19,3%.

Na Bahia, as lavouras de mamona aparentemente não sofreram tanto com a estiagem do início do ano, provavelmente em virtude da resistência a seca da cultura. No entanto, os produtores acreditam que a produção será menor se comparado à safra do ano anterior, tendo em vista que as condições climáticas foram mais favoráveis em 2020.



Na visita a campo, foram observadas áreas no final da maturação, com plantas bem carregadas, que foram plantadas em áreas de cultivo de hortaliças. Por causa disso, de acordo com os produtores, foram beneficiadas pela adubação realizada anteriormente e, conseqüentemente, estão mais produtivas.

Atualmente, o preço do grão está atrativo para os produtores, e muitos estão planejando retomar a produção, inclusive, com aumento de área. Os informantes acreditam que a área da mamona sofrerá um acréscimo para a próxima safra.

Em Mato Grosso, o plantio da mamona ocorreu em março e, neste momento, as lavouras se encontram em estágio de maturação. As áreas plantadas seguem restritas a pequenas propriedades, sendo seu manejo ainda incipiente, e a cultura sofre concorrência com outras culturas de segunda safra, que inibem sua maior expansão. Para o estado, estima-se que 2 mil hectares tenham sido semeados, e o rendimento médio é projetado em 912 kg/ha.

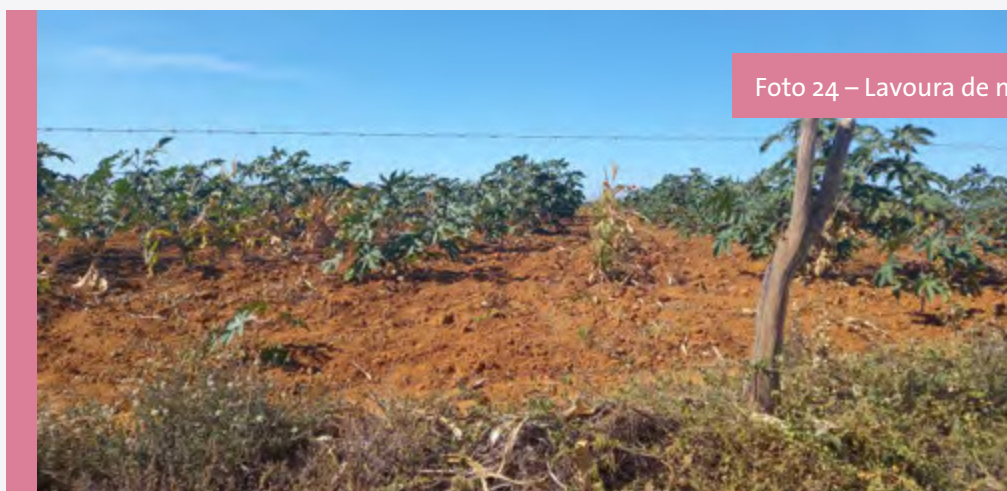


Foto 24 – Lavoura de mamona em Cafarnaum - BA

Fonte: Conab.



SORGO

Para a safra 2020/21, a projeção é de 2,6 milhões de toneladas produzidas, 5,4% maior que na safra anterior, em uma área de 849,5 mil hectares.

No Pará, os 20,6 mil hectares estão plantados e recebem as chuvas da estação chuvosa que ocorre até meados de julho. O sorgo é muito utilizado para proteção de solo e para alimentação animal no estado.

Em Tocantins, a cultura do sorgo granífero está em fase de maturação, em alguns municípios a colheita está prevista para os próximos 20 dias. Houve um aumento de 47,1% na área semeada em comparação à safra passada (2019/20). Grande parte da produção é destinada para Minas Gerais, Goiás e à Região Nordeste do país, e os preços pagos aos produtores estão entre R\$ 60 e R\$ 70 a saca.

O mercado de ração animal vem impulsionando o aumento no cultivo desta cultura em todo o estado. E o produtor viu como alternativa cultivar o sorgo por ser uma cultura de ciclo mais curto e ter certa tolerância ao deficit hídrico, principalmente nas áreas que seriam destinadas ao cultivo do milho segunda safra.

No Maranhão, o sorgo é cultivado na região sul desse estado, após a colheita da soja e o plantio de milho segunda safra, o qual teve a semeadura realizada entre o final de fevereiro e março deste ano. Devido ao menor interesse de cultivo, a área total semeada de sorgo apresentou redução de 7,5%, com 9,8 mil hectares.

No Piauí, a lavoura de sorgo no estado é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio ocorre no final de março. A



área plantada na safra 2020/21 foi de 11,6 mil hectares, 59,3% menor que a área da safra anterior, com os produtores optando por plantar maiores áreas de milho segunda safra. A cultura se encontra em estágio de enchimento de grãos e é considerada em condições regulares.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo, com dupla aptidão, vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera apenas o sorgo granífero, estima-se uma estabilidade na presente safra uma área de 600 hectares.

Na Paraíba, por fatores econômicos, o produtor tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Em relação ao sorgo granífero, registra-se produtividade esperada em 1.500 kg/ha, 11,8% menor que na safra anterior.

Na Bahia, todo o plantio já foi finalizado desde abril. No Extremo- Oeste, o plantio foi iniciado em sucessão à colheita da soja, e apresenta bom desenvolvimento. As lavouras se desenvolvem sem problemas de pragas e doenças, mas com limitação de produtividade devido à irregularidade das chuvas. Observou-se um aumento de cerca de 75% na área cultivada, havendo expansão sobre as áreas oriundas da redução do cultivo do algodão. As lavouras são cultivadas, em sua maioria, em regime de sequeiro (havendo algumas poucas áreas irrigadas). As lavouras seguem em fase de enchimento de grãos, e a produção é destinada ao setor pecuário da Bahia e demais estados da Região Nordeste.

Em toda a região centro-norte da Bahia, a cultura produziu mesmo com a irregularidade climática deste ano. Contudo, a baixa produção induz os



produtores a destinarem a maior parte das lavouras para produção de silagem ou pastejo direto, uma vez que o manejo é mais simples, e o preço atual do milho está impraticável para os pequenos criadores.

No centro-sul baiano, a resistência à seca ajudou a cultura a suportar a estiagem do início do ano. Porém, a produção ficou comprometida e muitos produtores decidiram utilizar as lavouras como silagem ou alugar a área para pastagem em razão da praticidade do manejo e por considerarem inviável a colheita de pouca produção. Não obstante, o grão está ganhando mais destaque nesse cenário de irregularidade climática. De acordo com os informantes, alguns produtores de milho estão planejando investir em lavouras de sorgo para a próxima safra, a fim de garantir, pelo menos, a produção de silagem.

Em Mato Grosso, o plantio do sorgo foi finalizado em abril, seu estágio predominante é o de maturação, e os trabalhos de colheita deverão se estender entre junho e julho. O sorgo segunda safra ganhou espaço neste ciclo, com expansão de 4,7%, passando de 46,6 mil hectares para 48,8 mil hectares, impulsionado por fatores como o atraso das chuvas nesse estado em detrimento da janela de plantio na segunda safra. Como o sorgo é uma cultura mais resistente ao clima mais seco, bem como os crescentes preços atribuídos ao milho, o sorgo tem se tornado seu produto substituto para a formulação de ração animal. É importante destacar que, além do aumento da área, registra-se também uma maior procura por sementes certificadas e de maior qualidade, ou seja, além do ganho quantitativo espera-se também um provável salto qualitativo, com melhor desempenho das lavouras a se confirmar à medida que a safra evolui.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura de segunda safra se encontra em fase de desenvolvimento vegetativo, florescimento e enchimento de grãos,



variando conforme o município de cultivo. A expectativa de produtividade sofreu redução devido à estiagem prolongada, mas, ainda assim, é considerada uma boa alternativa devido a sua maior rusticidade, visto que não foram verificadas perdas tão severas como ocorreu para o milho.

O clima seco favoreceu o aparecimento de pulgões principalmente nas lavouras situadas na região centro/norte do estado, com casos de infestações acima do normal para a cultura. Esta é uma praga que demanda cuidado na cultura porque gera a excreção de substância açucarada que favorece o aparecimento do fungo oportunista fumagina, cobrindo as folhas e diminuindo a capacidade fotossintética das plantas.

Com a melhora das condições climáticas ao final do mês, devido ao avanço da cultura para as fases reprodutivas e presença de temperaturas amenas, os produtores preparam-se para as aplicações de fungicidas, visando principalmente a proteção das plantas à doença açucarada do sorgo ou ergot (*Claviceps africana*), visto que ataca especificamente estruturas reprodutivas e possui capacidade de causar perdas de potencial elevado.

Em Goiás, a presente cultura está com 85% das áreas na fase reprodutiva em diferentes condições de sanidade e de formação de grãos. O estresse causado pela seca, que ocorre neste momento, por mais que seja uma cultura resistente, o sorgo não consegue expressar todo seu potencial na formação de cachos com peso. Em algumas regiões foram observadas um grande percentual de plantio de sorgo durante abril. Estas áreas provavelmente terão sua produtividade comprometida.



Outros casos pontuais foram relatados de plantio de sorgo apenas para cobertura de solo devido ao atraso na semeadura. Foram identificados ataques generalizados da praga *Melanaphis sacchari*, popularmente conhecida como Pulgão-da-Cana-de-Açúcar, porém sem efeitos de danos graves na produtividade da cultura em razão do correto manejo realizado pelos técnicos e produtores, diferentemente da safra passada, onde esta praga provocou perdas significativas.

No Distrito Federal ficou registrado uma redução de 1% na área cultivada com sorgo. O plantio está concluído, e as lavouras se encontram em início de pendoamento.

Em São Paulo, assim como nas principais regiões produtoras desse cereal no país, o principal fator limitante das culturas implantadas no outono-inverno é a disponibilidade hídrica. A escassez e a distribuição irregular nesse período do ano, devido às deficiências hídricas que geralmente ocorre nas fases críticas de desenvolvimento da cultura, já comprometeu o potencial produtivo do cereal no estado devido à baixa umidade do solo.



QUADRO 10 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Sorgo - Safra 2020/21								
		DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano			PS	S/E/DV	DV/F	F	F/EG	EG/M	M/C
	Vale São-Franciscano da Bahia	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
DF	Distrito Federal			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste de Minas			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

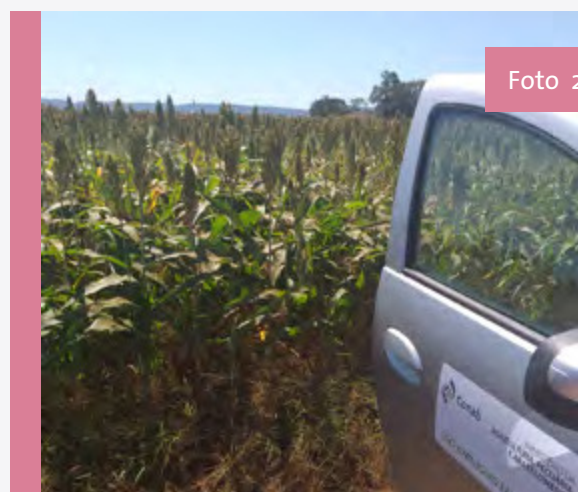


Foto 25 – Sorgo em Brejinho de Nazaré - TO

Fonte: Conab.



Foto 26 - Sorgo em enchimento de grãos - Baixa Grande do Ribeiro - PI

Fonte: Conab.

Foto 27 - Sorgo em enchimento de grãos em Acreúna - GO



Fonte: Conab.



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, o cultivo da aveia-branca normalmente está relacionado à cobertura de solo, no entanto, vem despertando interesse em razão da valorização dos preços pagos pelo cereal. Nesta safra, a estimativa inicial é que sejam semeados 35 mil hectares com a cultura, visto que as operações de plantio ainda estão em andamento, inclusive na expectativa de melhores condições climáticas, especialmente no que diz respeito ao volume de chuvas. Para aquelas lavouras já implantadas, a cultura vem apresentando boa sanidade e se encontra, predominantemente, em fase de desenvolvimento vegetativo.

No Paraná, o plantio está em andamento, e a expectativa é de redução na área plantada em comparação ao ano passado, pois os produtores estão optando por culturas mais rentáveis como o trigo, cevada e milho de segunda safra. Ainda assim, espera-se a destinação de 70,5 mil hectares para a semeadura do cereal. As chuvas registradas em maio, mesmo que irregulares, permitiram o avanço no plantio das lavouras. Até o momento, o clima está adequado à cultura, que não foi atingida pela geada, pois ainda está na fase de germinação. A condição das lavouras já implantadas pode ser considerada boa, até o momento.

No Rio Grande do Sul, as operações de semeadura foram iniciadas recentemente e devem ser intensificadas nos próximos meses. As primeiras estimativas ainda são de manutenção da área plantada, ficando



em 298,8 mil hectares, porém com o avançar da semeadura, podemos ter variações nessa destinação, especialmente se as condições climáticas e mercadológicas forem favoráveis ao investimento em tal cultivo.

CANOLA

No Paraná, o plantio do cereal está atrasado devido à estiagem. As geadas de maio não foram prejudiciais à cultura, pois as lavouras já implantadas ainda não haviam entrado em florescimento (fase mais sensível). A área cultivada no Paraná é pequena (estimada em 500 hectares para esse ciclo) devido à falta de interesse do produtor pela cultura e à sensibilidade da canola a geadas.

No Rio Grande do Sul, o ciclo da cultura já está bem avançado nos 38,3 mil hectares destinados a ela, neste ciclo. A colheita segue em bom ritmo, e a previsão é de obtenção de um volume superior ao ano passado, podendo chegar a 48 mil toneladas.

CENTEIO

No Paraná, o plantio está incipiente, mas deverá avançar em junho. A previsão é de redução na área semeada (devendo chegar a 2,2 mil hectares) em favor da cultura do trigo. As condições das lavouras, já implantadas, em sua maioria, podem ser consideradas boas, até momento.



CEVADA

No Paraná, a estiagem registrada no último mês teve impacto sobre a evolução do plantio do cereal. A expectativa é que o cultivo ainda seja todo realizado dentro da janela ideal, com perspectiva de finalização até o fim de junho. De maneira geral, espera-se aumento na área plantada (estimada atualmente em 68,4 mil hectares), principalmente pelo grão se tornar um substituto atrativo ao milho na alimentação animal, já que o segundo cereal teve expressivo incremento em seus preços. Ademais, a alta do preço do trigo beneficia o preço da cevada.

No Rio Grande do Sul, ao contrário das demais culturas de inverno, a expectativa inicial é redução na área de cultivo com a cevada em relação à safra passada, principalmente no Planalto Médio. Esse fato se dá pelo descontentamento dos produtores com os resultados da última temporada, tanto em produtividade quanto em qualidade da colheita. A cultura deve, por outro lado, ter incremento de área no Planalto Superior, região que tem apresentado melhores resultados nos últimos anos. Com isso, a estimativa aponta diminuição de 10% na área estadual, devendo ficar em 35,2 mil hectares.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL